

REVISTA DA Fieec

REVISTA DA

Publicação do Sistema
Federação das Indústrias
do Estado do Ceará
Ano X • N. 113 • Jan/Fev 2017



PRÊMIO SESI SENAI
INDÚSTRIAS CEARENSES
DESENVOLVEM PROJETOS
NA ÁREA EDUCACIONAL

IDEIAS EM DEBATE
RICARDO AMORIM DIZ
QUE ECONOMIA CRESCERÁ
ALÉM DAS EXPECTATIVAS

JUCEC
ABERTURA E FECHAMENTO
DE EMPRESAS SERÃO
AGILIZADOS



MAIA JÚNIOR, SECRETÁRIO
DE PLANEJAMENTO DO CEARÁ

***Precisamos ser
mensurados não
pelo compromisso
ideológico, mas
pelos resultados***

f /sistemafiec
t @sistemafiec
i @sistemafiec

AGORA FICOU MAIS FÁCIL SE MATRICULAR NOS CURSOS* DO IEL

ACESSE NOSSO SITE

www.iel-ce.org.br

ESCOLHA UM CURSO E CLIQUE EM **COMPRAR**



* Todos os cursos presenciais, exceto MBA's.

**RÁPIDO,
PRÁTICO E
SEGURO**



(85) 4009.6300

www.iel-ce.org.br

[/ielceara](#)

[/ielceara](#)





Federação das Indústrias do Estado do Ceará

Diretoria

PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart Gomes – Beto Studart

1º VICE-PRESIDENTE Alexandre Pereira Silva

VICE-PRESIDENTES Hélio Perdigão Vasconcelos,

Roberto Sérgio Oliveira Ferreira, Carlos Roberto Carvalho Fujita

DIRETOR ADMINISTRATIVO José Ricardo Montenegro Cavalcante

DIRETOR ADMINISTRATIVO ADJUNTO Marcus Venicius Rocha Silva

DIRETOR FINANCEIRO Edgar Gadelha Pereira Filho

DIRETOR FINANCEIRO ADJUNTO Ricard Pereira Silveira

DIRETORES José Agostinho Carneiro de Alcântara, Roseane Oliveira de Medeiros, Carlos Rubens

Araújo Alencar, Marcos Antonio Ferreira Soares, Elias de Souza Carmo, Marcos Augusto Nogueira de

Albuquerque, Jaime Belicanta, José Alberto Costa Bessa Júnior, Verônica Maria Rocha Perdigão, Francisco

Eulálio Santiago Costa, Luiz Francisco Juçaba Esteves, Francisco José Lima Matos, Geraldo Bastos Osterno

Junior, Lauro Martins de Oliveira Filho, Luiz Eugênio Lopes Pontes, Francisco Demontê Mendes Aragão.

CONSELHO FISCAL TITULARES Marcos Silva Montenegro, Germano Maia Pinto, Vanildo Lima Marcelo.

SUPLENTE Aluísio da Silva Ramalho, Adriano Monteiro Costa Lima, Marcos Veríssimo de Oliveira.

DELEGADOS DA CNI TITULARES Alexandre Pereira Silva, Fernando Cirino Gurgel.

SUPLENTE Jorge Parente Frota Júnior, Jorge Alberto Vieira Studart Gomes – Beto Studart.

SUPERINTENDENTE GERAL DO SISTEMA FIEC Juliana Guimarães.

Serviço Social da Indústria – SESI / Conselho regional

PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart Gomes – Beto Studart

SUPERINTENDENTE REGIONAL Erick Picanço Dias

DELEGADOS DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EFETIVOS Cláudio Sidrim Targino,

José Agostinho Carneiro de Alcântara, Lauro Martins de Oliveira Filho, Marcos Silva Montenegro.

SUPLENTE Marcelo Guimarães Tavares, Germano Maia Pinto,

Frederico Ricardo Costa Fernandes, Paula Andréa Cavalcante da Frota.

REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO EFETIVO

SUPLENTE Francisco Wellington da Silva

REPRESENTANTE DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO

Denilson Albano Portácio **SUPLENTE** Paulo Venício Braga de Paula

REPRESENTANTE DA CATEGORIA ECONÔMICA DA PESCA NO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO

Maria José Gonçalves Marinho **SUPLENTE** Eduardo Camarço Filho

REPRESENTANTE DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA NO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO

Francisco Antônio Martins dos Santos **SUPLENTE** Raimundo Lopes Júnior

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI / Conselho regional

PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart Gomes – Beto Studart

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Paulo André de Castro Holanda

DELEGADOS DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS EFETIVOS Aluísio da Silva Ramalho,

Marcus Venicius Rocha Silva, Marcos Antônio Ferreira Soares, Roberto Romero Ramos.

SUPLENTE Márcia Oliveira Pinheiro, Ricardo Pereira Sales,

Marcos Augusto Nogueira de Albuquerque, André de Freitas Siqueira.

REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Virgílio Augusto Sales Araripe

SUPLENTE Samuel Brasileiro Filho

REPRESENTANTE DA CATEGORIA ECONÔMICA DA PESCA DO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO

Francisco Ozinã Lima Costa **SUPLENTE** Eduardo Camarço Filho

REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO EFETIVO

Francisco José Pontes Ibiapina **SUPLENTE** Francisco Wellington da Silva

REPRESENTANTE DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO ESTADO DO CEARÁ EFETIVO

Carlos Alberto Lindolfo de Lima **SUPLENTE** Francisco Teônio da Silva

Instituto Euvaldo Lodi – IEL

DIRETOR-PRESIDENTE Jorge Alberto Vieira Studart Gomes – Beto Studart

SUPERINTENDENTE Francisco Ricardo Beltrão Sabadia

Representantes da FIEC

MARACANAÚ Álvaro de Castro Correia Neto **HORIZONTE** Verônica Maria Rocha Perdigão

CARIRI Marco Aurélio Norões Tavares **REGIÃO NORTE** Jocely Dantas de Andrade Filho

Revista da FIEC

COORDENAÇÃO

Ana Maria Xavier | anamariaxavier@sfiec.org.br

EDIÇÃO

Luiz Henrique Campos | lhcamos@sfiec.org.br

REDAÇÃO

Ana Paula Dantas | apdantas@sfiec.org.br

Camila Gadelha | cfgadelha@sfiec.org.br

Marcellus Rocha | mrlima@sfiec.org.br

Sarah Coelho | scoelho@sfiec.org.br

Bárbara Holanda | bhbezerra@sfiec.org.br

Amélia Gomes | magomes@sfiec.org.br

Brenda Alvino | bsoares@sfiec.org.br

FOTOGRAFIA

Giovanni Santos | gsantos@sfiec.org.br

José Rodrigues Sobrinho | jrsobrinho@sfiec.org.br

DESIGN GRÁFICO

Fernando Brito | fernando@labarca.design

ILUSTRAÇÕES

Romualdo Faura | info@romualdofaura.com

REVISÃO DE TEXTOS

Silvânia Bravo Bezerra

ENDEREÇO | REDAÇÃO

Av. Barão de Studart, 1980 – 4º andar

Fortaleza-CE / CEP: 60.120-024

CONTATO

(85) 3421.5434 / 3421.5435

E-mail: gecom@sfiec.org.br

Revista da FIEC é uma publicação mensal editada pela Gerência de Comunicações (Gecom) do Sistema FIEC.

TIRAGEM

5.000 exemplares

IMPRESSÃO

Gráfica Tipoprogresso

GERENTE DE COMUNICAÇÕES

Ana Maria Xavier

PUBLICIDADE

(85) 3421.4203

E-mail: gecom@sfiec.org.br

Revista da FIEC - Ano 10. nº 113 (Janeiro e Fevereiro de 2017)

- Fortaleza: Federação das Indústrias do Estado do Ceará, 2017 -

v.; 21,5 cm

Mensal

ISSN 1983-344X

1. Indústria. 2. Periódico. I. Federação das Indústrias do Estado do Ceará. Gerência de Comunicações

CDU: 67 (051)

Ao leitor,

A Revista da FIEC inicia o ano com uma entrevista com o secretário de Planejamento do governo do Ceará, Francisco Queiroz Maia Júnior. Com a missão de levar adiante propostas ousadas na área da gestão governamental, o tucano Maia Júnior assume a função em um governo petista, na certeza de que mais importante do que os compromissos ideológicos são os resultados alcançados na administração pública. Nesse sentido, ele afirma que sua busca será pela eficiência e foco nos resultados. Maia sabe que não será uma tarefa fácil, mas diz que o governador Camilo Santana sabe de sua disposição para essa missão e suas ideias em relação à administração pública.

Nesta edição ainda o leitor terá a oportunidade de conhecer o que indústrias cearenses estão fazendo no campo da educação, ao desenvolverem projetos voltados a seus trabalhadores e às comunidades do entorno nos quais estão instaladas. Esses projetos foram premiados no Prêmio SESI SENAI de Educação e reforçam a crença de que, para além do lucro, cabe às empresas também um papel social fundamental na melhoria das condições de vida na sociedade.

O leitor poderá também conhecer as ideias do economista Ricardo Amorim, que participou da primeira edição do Fórum Ideias em Debate da FIEC em 2017. Na conversa com a Revista da FIEC, Amorim faz uma análise da conjuntura econômica e projeta que o país terá em breve um crescimento econômico acima das expectativas do mercado.

Boa leitura!

CURSOS DO

SENAI IN COMPANY



INVISTA NESTA IDEIA EM 2017 ◀

Os cursos in company do SENAI Ceará podem ser customizados de acordo com as necessidades da sua indústria, com adaptação de horários de atendimento. Inclusive, as aulas práticas podem ser realizadas nos próprios equipamentos da empresa.

Uma outra opção são as Unidades Móveis que são preparadas para levar toda a infraestrutura de uma sala de aula aonde for preciso.

**O seu maior patrimônio são seus colaboradores.
Invista neles e torne-se mais competitivo.**

SAIBA MAIS SOBRE SOLUÇÕES DO
SENAI PARA SUA EMPRESA

(85) **4009 6300**

www.senai-ce.org.br



(85) 4009.6300 www.senai-ce.org.br



Sumário

janeiro 2017

NOTAS

08

Ato cívico marca início do ano na FIEC

Um tucano na gestão petista

Entrevista Maia Júnior, secretário de Planejamento do Ceará



FOTO DE CAPA
GIOVANNI
SANTOS

18

Entrevista

**PRÊMIO SESI SENAI
DE EDUCAÇÃO**

28

Empresas investem na área educacional

RICARDO AMORIM

32

**Otimismo com
o crescimento
da economia**

36

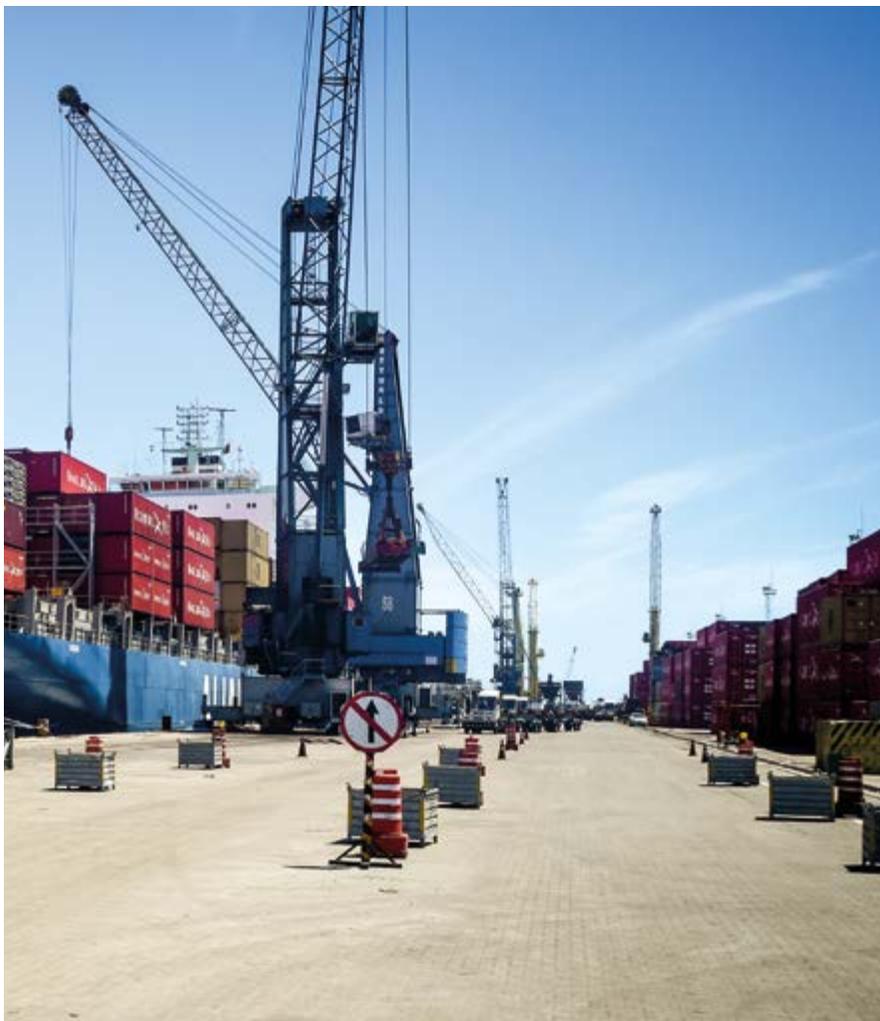
IMPORTAÇÃO

Mercado externo: a importação como questão estratégica

NOVO MODELO

46

Agilização de processos na Jucec



CONSELHOS TEMÁTICOS

50

Coors articula criação de Bancos Sociais

MINO

53

A verdadeira realeza



Ato cívico marca abertura do ano para setor industrial cearense

Industriais, superintendentes das casas e diretoria da FIEC, presidentes de sindicatos, colaboradores, representantes do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, Exército e convidados participaram da solenidade de abertura do início do ano de 2017 para o setor industrial cearense na Casa da Indústria. O evento foi marcado pela execução do Hino Nacional pela banda da 10ª Região Militar, hasteamento da bandeira do Brasil, Estado do Ceará, Prefeitura de Fortaleza e casas do Sistema FIEC nos jardins do prédio e realização da primeira reunião de diretoria plena do ano no auditório José Flávio. Na ocasião, também foi lançada a terceira edição revista e ampliada do livro "Resgate do culto aos símbolos nacionais", do ex-superintendente Danilo Pereira.

"Ao hastear as bandeiras, inauguramos, de maneira prodigiosa mais um ano de compromisso com o setor industrial, de ação por um Ceará e um Brasil melhores e de esperança em um futuro promissor, disse o presidente da FIEC, Beto Studart. A vice-governadora Izolda Cela representou o governador Camilo Santana na cerimônia, e reforçou a importância da parceria entre Governo do Estado e FIEC. "Compartilho das palavras de otimismo pelo nosso país. O Sistema FIEC tem presença fundamental de força no nosso estado, agindo em pelo menos duas frentes que considero de imensa importância: trabalho e promoção do desenvolvimento de pessoas. Tudo com alto nível de qualidade, além da promoção de cultura e esporte", frisou a vice-governadora.

2.

SENAI e CSP assinam convênio para capacitar jovens em São Gonçalo do Amarante e Caucaia



A Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) está dando continuidade à parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Ceará (SENAI-CE) para capacitar, desta vez, exclusivamente jovens das comunidades vizinhas à usina nas cidades de São Gonçalo do Amarante e Caucaia. O convênio para o Programa Jovem Aprendiz CSP, que terá foco em siderurgia (operação e manutenção) e destinará somente neste ano mais de R\$ 1 milhão para treinamentos, foi assinado na quinta-feira, (19/1) entre os presidentes da siderúrgica, Eduardo Parente, e da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), Beto Studart, e do diretor regional do SENAI-CE, Paulo André Holanda.



O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), Beto Studart, acompanhado de dirigentes da entidade, participou no Pecém, da solenidade de entrega, pelo governador Camilo Santana, de mais uma obra do Plano de Segurança Hídrica da Região Metropolitana de Fortaleza. A obra trata-se da bateria de poços, adutoras e estações de bombeamento que possibilitarão o aproveitamento do aquífero dunas. São 38 poços que garantirão cerca de 200 litros de água por segundo. A intervenção gera uma "água nova", que não era aproveitada. Com isso, o Sistema Metropolitano passa a mandar menos água para a região do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), aumentando a garantia hídrica na Região Metropolitana de Fortaleza.

3.

Diretores da FIEC participam da entrega de obra do Plano de Segurança Hídrica no Pecém

4.



Prefeito Roberto Cláudio lança certificação Fator Verde e novos serviços do Fortaleza Online na FIEC

A partir de agora, emissões de Licença Ambiental Simplificada para Construção Civil e de Alvará de Construção Regular poderão ser feitas virtualmente. Os dois serviços passam a compor este mês o Programa Fortaleza Online, que permite acessar documentos e licenças online. O anúncio foi feito pelo prefeito Roberto Cláudio, durante evento realizado na sede da Federação das Indústrias do Estado do Ceará. Na oportunidade, foi lançada ainda a Certificação Ambiental Fator Verde, selo que possibilitará que o Município certifique construções sustentáveis, com o objetivo de alcançar índices de sustentabilidade de construções e uma melhoria na qualidade de vida urbana. “Diferente de outros selos, que são caros, essa certificação serve para todo e qualquer cidadão. É um progresso em termos de acessibilidade”, esclareceu a Secretária de Urbanismo e Meio Ambiente de Fortaleza, Águeda Muniz.

5. **Presidente do Sindquímica e superintendente do IEL/CE reeleitos membros da Câmara da Indústria Química**

O presidente do Sindquímica, Marcos Soares, foi reeleito presidente da Câmara da Indústria Química do Estado do Ceará (CS Química) da Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará. A reunião de votação com membros da entidades aconteceu na terça-feira, 24/1, no auditório da ADECE. O superintendente do IEL/CE, Ricardo Sabadia,

foi reeleito primeiro secretário. Com a votação, permanecem nos postos por mais um ano Marcos Soares, Ricardo Sabadia e Ronaldo Ferreira do Nascimento como presidente, primeiro e segundo secretários, respectivamente. O encontro teve ainda como pauta as ações realizadas em 2016 e o plano de trabalho para 2017.

Sindialimentos é certificado com a ISO 9001

O Sindicato das Indústrias da Alimentação e Rações Balanceadas no Estado do Ceará (Sindialimentos) recebeu a certificação ISO 9001. A conquista demonstra a preocupação da entidade na busca da excelência em sua gestão, e atesta que o Sistema de Gestão da Qualidade implementado pela instituição está aderente às normas exigidas pela Organização Internacional de Padronização (ISO). Com a diretriz de foco no cliente permeando todos os processos, a expectativa é que as entregas aos filiados se tornem ainda mais eficazes.



6.

7.

A Federação das Associações dos Jovens Empresários do Ceará (Fajece) levou uma comitiva de jovens empresários a 79ª Assembleia Geral da Conaje, realizada na cidade de Palmas-TO. Na ocasião, foi apresentado o projeto Agenda Ceará, que visa a melhoria do ecossistema do empreendedorismo jovem, que vai ser entregue em breve ao governador do Ceará, Camilo Santana. Já a AJE Fortaleza realizou missão regional a cidade de Camocim, onde dentre outras atividades, foi feita uma visita técnica à fábrica Democrata e ao Hotel AquaFort.



Fajece leva comitiva a encontro da Conaje, em Palmas



8.

André Montenegro assume segundo mandato como presidente do Sinduscon

O engenheiro André Montenegro tomou posse para o segundo mandato à frente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Ceará (Sinduscon/CE). O evento aconteceu na sede da FIEC, com a presença de empresários, políticos, engenheiros, diretores do Sistema FIEC e representantes do SEBRAE, Banco do Brasil e Caixa Econômica. O sindicato completa 75 anos em 2017.

9.



Começam trabalhos para implantação de ações no setor eletrometalmecânico

Para onde está caminhando a indústria cearense? Como chegar em um futuro com indústrias mais competitivas, sustentáveis e inovadoras? As respostas estão perto de chegar e de maneira planejada dentro do Programa para Desenvolvimento da Indústria. O primeiro piloto já começou. Quase 60 especialistas entre professores e pesquisadores universitários, empresários, representantes do governo e do terceiro setor começaram em janeiro a definir os planos de projetos das ações prioritárias do Masterplan do setor eletrometalmecânico. No caso do ramo eletrometalmecânico, serão trabalhadas 31 ações prioritárias de um total de 394 filtradas das Rotas Estratégicas Setoriais a partir de três eixos de futuro para o ramo até 2025, como pesquisa e inovação, provedor de bens e serviços e cadeia produtiva com alcance global.



Micro e pequenos empresários de cinco setores da economia ligados à Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) participaram do lançamento do ciclo 2016-2020 do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi).

Cinco projetos foram lançados em janeiro de 2017, segundo informou a gerente do Núcleo de Convênios e Parcerias, Dana Nunes, para os setores metalmeccânico, reciclagem, alimentos (polpa de frutas e alimentos naturais), químico (cosméticos e saneantes) e calçados. Serão atendidas, no mínimo, 125 micro e pequenas indústrias, com recursos de R\$ 1,5 milhão.

10.

Lançado novo ciclo do Procompi

11.

Sindicato da Construção Civil Pesada planeja implantar central de negócios

Empresários do setor da indústria da construção civil pesada esperam em breve dispor de uma central de negócios conjunta. Eles reuniram-se pela primeira vez para falar sobre a construção dessa novidade durante oficina realizada na FIEC. A oficina, articulada pelo Núcleo de Convênios e Parcerias (NUCOP) da FIEC, foi conduzida pelo consultor em associativismo Ítalo Robson com apoio da consultora do Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA) na FIEC, Lúcia Abreu. Durante a reunião, os empresários revelaram os benefícios de trabalhar em parceria. O presidente do Sincopce-CE, Dinalvo Diniz, afirma que é preciso ter o entendimento que todos devem caminhar juntos para conquistar os objetivos traçados. "Fazer parcerias e somar esforços é a maior função que temos no sindicato. Temos que aparar as diferenças e as adversidades e resgatar o espírito solidário entre as construtoras e os empreiteiros", enfatizou.



12.

Aconteceu de 11 a 21 de outubro a Missão Empresarial Prospectiva à China, com a participação de empresários filiados ao Sindicato das Indústrias de Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Madeiras Compensadas e Laminadas de Fortaleza (Sindserrarias). A missão foi uma iniciativa do sindicato articulada pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará através do Centro Internacional de Negócios. O objetivo foi propiciar às empresas cearenses a oportunidade de conhecer o potencial industrial e comercial das empresas chinesas, além de prospectar fornecedores de insumos, matérias-primas e máquinas.



Sindserrarias realiza missão à China

13.

Setor de rochas ornamentais fecha 2016 com superávit na balança comercial

A indústria de rochas ornamentais registrou saldo positivo na balança comercial em 2016. De acordo com dados do Miniestudo Setorial, realizado pelo Centro Internacional de Negócios da FIEC, o setor obteve um superávit de US\$ 25,02 milhões – um aumento de 40% em relação a 2015. O saldo é resultado de uma elevação de 33% nas exportações, que totalizaram US\$ 26,1 milhões, e da queda de 38,3% das importações que somaram US\$ 1,1 milhão. Entre os países que mais compraram produtos do setor cearense, destaque para a China que importou US\$ 2,1 milhões, 104,3% a mais que em 2015. Com esse volume de negócios, passou a figurar no ranking dos três países que mais compram rochas ornamentais do Ceará, ficando atrás ainda de Estados Unidos (US\$ 11,38 milhões) e Itália (US\$ 9,35 milhões) que também compraram mais do estado (aumento de 63,9% e 32,1%, respectivamente). O estudo também revela que o Ceará, em 2016, foi a terceira Unidade da Federação em volume de exportações, ficando atrás de Espírito Santo e Minas Gerais, que exportaram US\$ 921,38 milhões e US\$ 132,17 milhões, respectivamente. Ambos, porém, registraram queda enquanto o Ceará segue uma tendência de crescimento.



14.

Embaixador da Alemanha no Brasil visita a FIEC

Em sua primeira visita oficial ao Ceará, o embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel, reuniu-se com o diretor administrativo da FIEC, Ricardo Cavalcante, para conhecer as potencialidades da indústria cearense e as oportunidades de parceria entre a Alemanha e o Ceará. O dirigente da FIEC apresentou as Rotas Estratégicas e o Programa para Desenvolvimento da Indústria e destacou

o setor de energias renováveis como um dos mais propícios para a realização de alianças entre as empresas cearenses e alemãs. “A Alemanha tem muito a nos oferecer e as nossas indústrias podem evoluir com a importação de tecnologia e equipamentos alemães. A Federação está de portas abertas a contribuir no que for possível para viabilizar essa aproximação”, declarou Ricardo Cavalcante.





"Eu não posso entender um secretário que não tem a capacidade de se indignar."

ELE FOI UM COMUNISTA DOUTRINADO, PARTICIPOU ATIVAMENTE DA ADMINISTRAÇÃO MARIA LUIZA FONTENELE (PT), MAS GANHOU NOTORIEDADE NA VIDA PÚBLICA AO ATUAR NO CHAMADO GOVERNO DAS MUDANÇAS, QUE TEVE ORIGEM NO CENTRO INDUSTRIAL DO CEARÁ (CIC), PROJETANDO UM GRUPO DE JOVENS IDEALISTAS PARA O PAÍS. ENGENHEIRO POR FORMAÇÃO, FRANCISCO QUEIROZ MAIA JÚNIOR EXERCEU SEU ÚLTIMO CARGO PÚBLICO NO GOVERNO LÚCIO ALCÂNTARA, NO QUAL FOI VICE-GOVERNADOR E SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO.

DEPOIS DISSO, "DEU UM REFRESCO" NA VIDA PÚBLICA, E VOLTOU À INICIATIVA PRIVADA. FORAM QUASE 10 ANOS LONGE DA ESFERA ESTATAL, ATÉ QUE NO DIA 29 DE DEZEMBRO DO ANO PASSADO, EM JERICOACOARA, ONDE ESTAVA PARA PASSAR O ANO-NOVO, A CALMÁRIA FOI QUEBRADA POR UM TELEFONEMA DO GOVERNADOR CAMILO SANTANA (PT). NO CONTATO, CAMILO FOI DIRETO, PERGUNTANDO QUAL A OPINIÃO DE MAIA SOBRE A ATUAL GESTÃO DO ESTADO.

**POR ANA MARIA XAVIER
E LUIZ HENRIQUE CAMPOS
FOTOS GIOVANNI SANTOS**



O QUESTIONAMENTO DO GOVERNADOR NÃO INTIMIDOU O PRAGMÁTICO ENGENHEIRO, QUE RESPONDEU: "O SENHOR QUER SABER MESMO?". A RESPOSTA GEROU CONVITE PARA UM JANTAR NA CASA DO GOVERNADOR, LOGO APÓS A VOLTA DE JERICOACOARA. MAIA NÃO DETALHA O QUE CONVERSARAM NESSE ENCONTRO, MAS O RESULTADO DA CONVERSA TERMINOU COM UM CHAMAMENTO PARA QUE FIZESSE PARTE DA EQUIPE DO GOVERNADOR CAMILO COMO SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO.

MAIA JÚNIOR RECEBEU A EQUIPE DA REVISTA DA FIEC DOIS DIAS DEPOIS DE ASSUMIR O CARGO NA SEPLAG, AINDA SE INTEIRANDO DOS NOVOS DESAFIOS, MAS CIENTE DAS RESPONSABILIDADES DE COMANDAR UMA PASTA QUE TERÁ MISSÕES DIFÍCEIS PELA FRENTE, PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO À ATUAL CONJUNTURA ECONÓMICA. DIFICULDADES PORÉM QUE NÃO PARECEM ASSUSTAR NEM MESMO UM TUCANO DE BICO DURO EM UM GOVERNO PETISTA, MESMO QUE LIGHT.

Revista da FIEC — O senhor já teve passagem pelo poder público e estava agora na iniciativa privada em uma situação relativamente confortável. Por que o retorno em meio a conjuntura tão complexa?

Maia Júnior — Eu me considero um híbrido porque a minha vida do ponto de vista profissional e de aprendizado se dividiu entre um homem público e um homem na área privada. Inicialmente, tinha uma carga horária que eu cumpria na vida pública. Depois daquele horário

eu ia trabalhar na vida privada e desde o início separei muito bem essas relações, porque na minha vida pública eu era um profissional com formação e não misturava essa formação com a área privada, e o que eu fazia na iniciativa privada não tinha nada com a vida pública. Foram situações que vivi durante um momento, trabalhando em três expedientes. Em uma, tinha que chegar exatamente no horário, que era na vida privada, na qual fiquei 15 anos como executivo. Tive estágios na vida pública, na vida privada e aí alternei momentos

de dedicação intensa ao serviço público, tanto na Prefeitura de Fortaleza, como no estado. Alternando agora muito mais para o final, quando saí do Governo, uma dedicação maior à vida privada. Cansado um pouco porque o serviço público não é tão fácil. Normalmente tem corporações extremamente apegadas à estrutura de poder. Coloquei uma coisa importante na minha vida: eu não trabalho com foco nos interesses nem pessoais da corporação, não sou contra a corporação ter seus predicados corporativos de boa defesa, mas não vou montar nenhum projeto de ordem pessoal meu aqui dentro. Todos os projetos que eu governei, e as pessoas que trabalharam comigo sabem, que quem vai trabalhar comigo tem que olhar para fora. Quem é o nosso cliente aqui na Seplag? É o povo. Eu tenho que montar aqui uma política voltada para melhorar a situação do povo do Ceará. Esse é o primeiro dever de um funcionário público que tem o poder de gerenciar alguma coisa. O segundo, no meu caso aqui, hoje na Seplag, é apoiar as secretarias setoriais, porque sou o instrumento meio, não sou instrumento fim. Então, quando eu estava cansado um pouco disso, ia me oxigenar na área privada, que permite dinâmica maior, resposta mais rápida. O resultado tem que estar na mesa todo dia porque senão você é cobrado, e às vezes perde até seu trabalho. Enquanto aqui, o funcionário público ainda não tem essa consciência de que no fim do dia, se ele não fizer alguma coisa, e não

entregar no fim do ano, ele vai para o meio da rua. Porque na vida privada um executivo que está há um ano na empresa, num momento sem crise, chegou no fim do ano, o balanço do ano de 2017 é igual ao de 2016, é tchau e benção. Não melhorou nada, não agregou nada, é tchau! Lá o foco é o lucro. Aqui o foco forte é o serviço. Eu não preciso sair aqui excetuando algumas empresas do Estado remuneradas por esse serviço, como a Cagece, como foi a Coelce, que tem receita. Nós como cidadão compramos o serviço. Ela tem a mesma obrigação de uma empresa privada. Ela não tem essas amarras, pessoal é celetista, pode demitir a hora que quer e tem que estar focada em resultado, lucro. Porque eu botei o dinheiro do estado, mais 8 milhões de cearenses tão botando o dinheiro para constituir uma empresa. Não só para instrumentalizar as políticas de saneamento, mas para ter retorno. Não só em serviço, mas em lucro. Ou seja, pagar dividendos ao capital que o estado aportou lá para criar essa empresa. Hoje no Ceará, desde a minha época, tem uma empresa que eu admiro muito que é a Cegás. Desde que a gente implantou a Cegás, que ela dá lucro, e anualmente paga dividendos ao estado. Pode ser uma merreczinha de nada, mas é muito simbólico e importante. O dinheiro que o Estado botou lá, está voltando. Se o valor desses dividendos e a valorização dessa ação não atende um percentual de remuneração que o estado botou lá, e se não devolve a integridade

do capital que botou lá, pelo menos está pagando alguma remuneração. A minha cabeça no serviço público é muito forte nisso. Então eu não aceito, por exemplo, uma Cagece sem dar lucro. Mas as outras secretarias setoriais, precisam pelo menos transformar 'lucro', em lucro de serviço para a população. A população tem que receber um nível de qualidade de serviço alto, tem que ter boa qualidade, na saúde, ao demandar uma ação de policlínica, a segurança. Esse problema do roubo, do oportunista, acontece. Agora pelo menos precisamos ter mais tranquilidade no direito de ir e vir. Eu não posso, por exemplo, dizer para os meus filhos que eles estão errados porque moram em Boston, Londres. Excetuando os problemas da saúde e da previdência que são mundiais, os problemas do mundo inteiro já tiveram solução. Particularmente, quando vim para o serviço público pela primeira vez, e ao longo de toda a minha trajetória, nunca pedi

para nenhum político que me arranjassem um lugar. Eu fiz carreira em cima de méritos e as vezes que fui escolhido para assumir cargo de direção, nunca pedi a ninguém e nunca recomendei um filho meu que se preparasse para fazer concurso público. Apesar de não ser contra que ninguém faça. Então, eu sempre que vim, vim com uma lógica técnica. Eu não vim indicado pelo partido político ao qual pertencço, e não nego e vou continuar a pertencer. O Ceará inteiro conhece a minha cara e uma relação profunda não só com Tasso Jereissati, mas com a família. Caminhamos juntos aí em grandes desafios do estado. Ele como governador durante oito anos e eu participei do trabalho. Participei do trabalho com o Ciro, com o Lúcio Alcântara. Não tem nem como negar isso no meu histórico profissional e o que eu acredito, não é ideológico, comunista eu já fui. Primeiro fui altamente doutrinado, na época da revolução por alguns revolucionários aqui

"O Ceará inteiro conhece a minha cara e uma relação profunda não só com Tasso Jereissati, mas com a família. Caminhamos juntos aí em grandes desafios do Estado."

"Eu não vejo problema com isso porque quando servi, eu servi o governo da Maria Luíza Fontenele. Evitei muitas loucuras da Cristina Baddini, que queria incendiar os ônibus."

do Ceará e intelectuais que eu, menino, tive oportunidade de frequentar. Quem me doutrinou politicamente além da minha mãe, que era uma pessoa que tinha muito compromisso com as questões sociais, era uma pessoa muito generosa e me ensinou muitos princípios, foi um grupo de intelectuais liderado por uma pessoa que era quase um pai para mim, que foi o Caetano Ximenes de Aragão, um médico humanista e poeta. E eu cansei de participar, na época da revolução, de rodas na casa dele com o Valton Miranda, com o Francisco de Carvalho, com o Braga Montenegro, com o Moreira Campos e tantos outros. E eles ali toda vida me davam uma doutrina, me davam um jornal para ler e livros. Então, essa minha doutrina, depois dos movimentos estudantis, participei de alguns movimentos. Mas o tempo vai ensinando. Com a experiência que a gente tem na vida pública, precisamos sermos eficientes, sermos mensurados não pelo compromisso ideológico, mas pelos resultados. Porque não tem ideologia nenhuma em fazer uma estrada,

em gerenciar a Cagece. Apenas o capital é do estado. Quem é o melhor ministro da Fazenda do Brasil? É o petista ideológico como foi o Palocci ou é o Joaquim Levy liberal ou é o Henrique Meireles? O melhor é o que souber conduzir uma política econômica que controle muito bem a inflação, que controle muito bem as taxas de juros, que controle muito bem o crescimento do país. E esse maniqueísmo ideológico se esquece que as pessoas precisam de muito mais do que o maniqueísmo ideológico às vezes. Eu não vejo problema com isso porque quando servi, eu servi o governo da Maria Luíza Fontenele. Evitei muitas loucuras da Cristina Baddini, que queria incendiar os ônibus. Fiz farras com esse pessoal na minha casa de praia, toda aquela equipe de transporte, a turma do Instituto Pólis, que o Lula criou, tem uma equipe muito boa com grandes ideias na área de transporte, ideias hoje tão atuais. Essa turma eu convivi bastante, apesar de que ao longo do tempo a gente vai amadurecendo. Eu não deixei me levar pelas loucuras do Jorge Paiva na Prefei-

tura e eu preferia seguir um pouco a cartilha do Clóvis Fontenele, que era secretário de finanças e era mais razoável na mesa de discussões. Eu, uma vez fiquei na Prefeitura em uma reunião com a Maria Luíza, que começou por volta das 15h, 16h. Essa reunião varou a madrugada e amanheceu o dia. Nessa data, o Brizola tinha feito uma intervenção no sistema de transporte do Rio de Janeiro e a Maria Luíza botou na cabeça que, para melhorar o sistema de transporte de Fortaleza, era preciso uma intervenção. E essa discussão varou a madrugada e eu fazendo contraponto o tempo todo. O que prevaleceu foi a minha opinião e a do Clóvis Fontenele, que íamos fazer uma profunda auditoria. Nós vamos lacrar as empresas e fazer uma profunda auditoria em todas as empresas. Foi mais razoável. O Brizola, no Rio de Janeiro fez isso e nem melhorou o sistema de transporte e tem uma conta, que não sei se foi paga. Mas com certeza tinha grandes ações para o público do Rio de Janeiro, por contas dessas intervenções que ele fez.

RF — Como é que um comunista doutrinado passa de repente a atuar de forma tão pragmática? Em que momento se deu essa mudança?

MJ — O que muda é o amadurecimento, porque saímos da faculdade cheio de sonhos e ilusões de que as coisas funcionem como pensamos nos bancos da faculdade. Que temos solução para tudo, que o estado não tem limite para resolver os principais problemas, principalmente numa situação como a nossa. Provavelmente eu ser secretário em um país como a Alemanha, há profunda diferença de eu ser secretário de um estado pobre do Nordeste como é o Ceará. Tenho aqui um horizonte de limitações não só de riquezas do estado, como às vezes até de pessoas que têm melhor essa compreensão. Então,



aí, foi o amadurecimento. Eu consegui associar esse conhecimento do funcionamento de uma máquina pública com o conhecimento do funcionamento de uma empresa privada. Soube sempre na minha vida associar as coisas boas de um e as de outro. Aqui tem coisas muito boas, tem quadros excelentes. Muitos que trabalharam comigo foram trabalhar nas minhas empresas depois. Formei uma geração de profissionais quando fui secretário de infraestrutura e deixei uma geração nova aqui na secretaria de planejamento. Cheguei aqui, encontrei uma garotada da melhor qualidade, todas concursadas no concurso que eu defendi naquela época como gestor do estado. Esse concurso que fizemos foi para fortalecer não só as estruturas de planejamento e gestão, mas a Procuradoria, a Fazenda, porque sem gente de qualidade não há transformação. Quem transforma são pessoas que têm uma boa transformação e poder de liderança e o serviço público, naquela época, tinha envelhecido. A outra coisa que eu creio muito é no conhecimento. Nós instrumentalizamos ali além da base de carreira de ser um analista de planejamento ou um gestor, com graduação superior. Nós incrementamos aqui. Ô, se estudar e fazer mestrado tem um pouco mais. Se o mestrado tiver sido pouco e

quiser continuar estudando e fizer um doutorado, ganha um pouco mais. Isso eram políticas que adotávamos exatamente para qualificar melhor o gestor público, porque sem conhecimento, sem preparação dessas pessoas... Ninguém nasce sabendo tudo e hoje se sai de uma universidade sabendo muito pouco. E às vezes as pessoas são alocadas em um bom concurso, são bons quadros, mas vêm muito verdes, e dentro desses sonhos que eu acabei de falar, muitos têm a soberba da verdade. Temos visto hoje uma série de instituições que não resistem a um bom detalhamento dos questionamentos que eles levantam porque precisam se conhecer. Eu falei e afirmei: o gestor público hoje não pode ser um bom gestor e um bom líder. Um gestor que vem para cá gerenciar a estrutura da secretaria, pessoas, manutenção dessa estrutura que funciona, e ainda tem a oportunidade de terceirizar algumas funções. Gerenciar só essas duas coisas não é suficiente, ele tem que ser um transformador da área pelo conhecimento que tem para melhorar algumas políticas públicas. Eu não posso entender um secretário que não mexe em nada, não tem capacidade nenhuma de se indignar com nada e não dá contribuição de mudança que é necessária para aperfeiçoar o sistema.

RF — O senhor teve experiência recente nos governos Tasso e Lúcio. Depois ficou um tempo fora, teve esse refresco, digamos assim. E agora está retomando. Já dá para ter uma ideia comparativa?

MJ — Olha, é um diagnóstico apenas. Mas pelo menos na Seplag e algumas secretarias setoriais instrumentais que foram as que eu visitei até agora, no caso a Sefaz, PGE, a Controladoria, diria que a Sefaz disparadamente está muito melhor estruturada do que quando eu saí há dez anos. Continua com bons quadros, sempre teve. O grande gerador de quadros do projeto de mudança do Tasso veio da Sefaz. Depois ele aproveitou esses bons quadros que eram muito bem capacitados e foi espalhando em diversas secretarias setoriais, sobretudo as sociais. Eu tenho que ser muito pragmático e objetivo em dois anos. Depois do arranjo institucional, como eu estou dizendo, às vezes eu vou fazer uma iniciativa e eu não posso porque a lei não deixa. E outra coisa: às vezes montamos um bellissimo programa e não institucionalizamos em lei. Vem um governador depois que não tem compromisso com aquilo e não dá continuidade. Esse é um dos grandes problemas da máquina pública, um planejamento estratégico.



Eu não vou refazer um planejamento estratégico dois anos depois. O governo já fez. O que eu pedi à equipe é que dentro de tudo que tem, o plano de governo, os debates com a sociedade, precisam montar um mapa estratégico objetivando o que é prioritário para poder, ao analisar os programas públicos, checar se estão sintonizados e se estão melhorando os indicadores. Priorizar aqueles problemas que tiveram a melhor avaliação. Então o planejamento estratégico, eu vejo que hoje o estado aculturou isso. O que eu não vejo que aculturou, que eu gostava de fazer, era uma avaliação anual. Terminava dezembro e eu reunia os principais líderes da equipe que eu liderava em um hotel, de preferência para não receber ligações, mais distante de Fortaleza, o que fosse possível.

RF — A estrutura de MAPP não atende isso?

MJ — Não. O MAPP (Sistema de Monitoramento de Ações e Projetos Prioritários), na realidade, é um sistema gerencial apenas do programa de investimentos. O que eu estou falando é definir a estratégia e transformá-la em ação. Essa ação é realizada a partir do orçamento público e das disponibilidades financeiras para investimento. Aí é onde está o MAPP. O MAPP é quem está ali dizendo quantos recursos tem para que esses programas sejam executados. O que eu estou falando é: você traçou um planejamento e transformou isso numa ação. Todas as ações são bem concretizadas no final do ano. O que é que foi melhor desenvolvido e o que não foi? Que ajuste eu preciso



fazer? Eu não enxerguei o Estado fazendo esse ciclo de avaliação contínua. Acho que em algumas áreas o bastão ainda não foi transferido e aí tem uma perda de qualidade de conhecimento porque entraram pessoas novas que não participaram de uma transição e em algumas até está faltando gente. Mas do ponto de vista da Seplag, eu diria que o quadro é muito melhor do que o quadro que eu saí. Do ponto de vista de tecnologia de sistemas, também é muito melhor. Do ponto de vista de processos. Eu disse aqui que eu só iria mexer em processo se fosse destravar algum gargalo. Porque se eu for fazer uma reengenharia de processo agora, eu não tenho. E processos, pessoas qualificadas e tecnologias é quem fazem uma boa gestão. Se você tem uma boa estratégia, quem implementa e transforma essas estratégias em ação são pessoas. Agora essas pessoas para ganhar produtividade e controles precisam muito de sistema e elas preci-

sam de capacitação permanente e estar constantemente de forma continuada aperfeiçoando os processos.

RF — E o componente da indignação que o senhor falou anteriormente?

MJ — A indignação é um profissional público chegar e encontrar uma estrutura em que ele sabe que falta alguma coisa mas, o conservadorismo... ele mantém como está.

RF — O senhor acha que está faltando isso? Tem faltado nos últimos anos?

MJ — Eu não posso avaliar porque eu não estava dentro da administração. Eu trabalhei sempre, acho que uma coisa importante é, encontrou coisa errada, se incomoda, não deixa aquilo passar, está certo? Seja numa política, em um processo, numa ação, porque você vem aqui e deixar como encontrou. Aqui mes-

mo eu encontrei uma escola de gestão. Isso é um processo que eu já discuti há muito tempo na FIEC. Tentamos até no Governo Cid instrumentalizar isso. Acho que a FIEC pode ser um grande patrocinador disso, porque é como é no mundo, e no Brasil tem vários exemplos desse. Eu disse aqui, quando vi e analisei a estrutura. Nem serve o conceito, nem serve o foco de curso, nem serve o foco de gestão. Vamos redesenhá-la? Eu podia deixar como estava, não podia? Mas isso era uma coisa que tinha uma forte compreensão porque acho que o que falta para o Ceará hoje são líderes. E líderes no setor produtivo. As pessoas às vezes não entendem isso, mas o produtivo não é só a FIEC e o empresarial, não. O público também é produtivo e de forma muito mais relevante do que o privado, porque numa região pobre, o governo ainda é muito importante, na geração de empregos, na definição de políticas, entre outras coisas. Como é que você muda o destino de empresas no Ceará? Como é que se muda o destino do serviço público? Com líderes que tenham não só um grande preparo, mas que sejam transformadores, que tenham essa capacidade de encontrar um *status* e aprimorá-lo. Então, eu encontrei o Ipece, que é um instrumento de inteligência, quem criou o Ipece fui eu. Acho que está faltando carinho a ele. Acho que eles se sentiram muito desprestigiados nesses últimos anos. Mas é o celeiro da inteligência no estado, e é o instrumento maior de inteligência na Seplag para ajudar nas outras políticas. E tem as universidades que têm que provocar. As duas universidades têm que enten-

der que elas foram criadas pra ajudar o desenvolvimento do estado, não só com a formação de capital humano, mas com pesquisas aplicadas pra melhorar eficiência e o desenvolvimento do estado. Mas o que vemos é um amontoado de universidades se abraçando num foco corporativo que vai na contramão da sociedade. Será que os problemas da segurança pública, nós não precisamos de uma inteligência maior para resolver? Quem tem que dar essa inteligência é o estado. Será que é um problema setorial de infraestrutura? Eu confesso que falo isso a você com muita tristeza, porque a universidade foi o meu maior celeiro e o maior parceiro de inteligência quando eu fui oito anos secretário de infraestrutura. Não existiria um Pecém bem construído sem a universidade estar ao meu lado. Não existiriam melhores estradas se a universidade não estivesse do nosso lado. Não teriam políticas que a gente iniciou. Quando eu cheguei, o Ceará gerava zero de energia, importava tudo. Hoje isso mudou. O que foi isso? Foi inteligência lá atrás, em 1995, de uma pessoa que enxergava e apostou. Quem diria que nós iríamos ser o grande protagonista na área de energia? Será que essa cadeia hoje de energia que está se consolidando no estado: serviços, bens, geração de energia, será que em água ninguém enxerga que tem que fazer a mesma coisa? Em um desafio imenso que não é só a energia, que é a água, que é muito limitada no nosso estado, e não vai ter desenvolvimento sem água, sem recursos naturais. Quais os grandes problemas que os analistas olham? Falta de energia no futuro, falta d'água. E aí? Como vamos

ser competitivos, atrair indústria, sem água? Houve sugestão de estancar o volume de água que era consumido pela siderúrgica e pelas termoelétricas. Isso seria rasgar os contratos de quem investiu e pode ser penalizado profundamente por uma atitude como essa. A obrigação do estado é garantir esses recursos hídricos para o bom funcionamento da indústria, da agricultura, do consumo humano, do consumo animal e para a irrigação. Aí, por uma crise hídrica como essa, desliga a torneira da termoelétrica e da siderúrgica? Imaginaram que iam paralisar a siderúrgica, a termoelétrica? A termoelétrica só quem pode tomar essa iniciativa é a Aneel, que tem o contrato de regulação; e a Eletrobrás, que compra a energia. E eles têm que garantir essa entrega quando vem a ordem de despacho dessa energia. A Eletrobrás paga por ela parada para utilizar nos momentos necessários. Para garantir a segurança energética. E tem um órgão despachante, tem um órgão regulador que fiscaliza esses contratos.

RF — O senhor tocou nessa questão da universidade e tem-se discutido muito sobre a execução do FIT. O senhor já se debruçou sobre isso?

MJ — Não, ainda não me debrucei. Mas o criador do FIT é esse aqui que vos fala, junto com o secretário Hélio Barros. Nesse primeiro momento, eu tinha que tomar conta aqui do estado, da secretaria e das condições que eu tinha para fazer o trabalho. Em um segundo momento, eu me foquei nos principais problemas estruturais e desafios que são as diretrizes do

"A vocação do mundo mudou e o carro chefe dessa economia é reunir três pilares: universidade, poder público e o poder privado para desenvolver polos."

governo para ter uma boa gestão fiscal, ter uma boa gestão de previdência, que são problemas que estamos vivenciando hoje no Brasil. Mas de forma mais específica eu vou a todas as setoriais, discutir exatamente um alinhamento desse novo foco que queremos dar aqui no trabalho e também na gestão nas áreas setoriais. Eu fui até agora na secretaria de recursos hídricos e na secretaria de cidades. A de cidades porque está aqui em baixo e tenho um grande amigo que veio para o governo que é o professor Jesualdo Farias. Já tomei um pouco de pé porque eu estou priorizando. Eu acho que fora a gestão, nós precisamos focar muito o trabalho, primeiro em um programa de reanimação da economia do Ceará. Nós estamos com a economia em queda e com o que temos, se parceirizarmos o estado e os empreendedores, podemos sair com alguma política nesses próximos dez anos. E essa lógica tem que agregar não só as secretarias econômicas que podem ativar, não é só a SDE, é a indústria. É ativar algumas vocações que o estado tem, além da indústria. No lado da indústria, temos hoje o recurso da ZPE e do Pecém. Nós temos o agronegócio que ninguém tem que ficar de costas. Se tiver água, tiver chuva, voltar a aumentar a produção agrícola de alto valor agregado que o Ceará tem

na agricultura irrigada. Acho um grande desafio. Melhorar na área de serviço, no turismo. Hoje tem um ou outro ator que é a cultura. A cultura tem que ter uma visão econômica para também contribuir com a riqueza do Ceará. Mas não existem áreas econômicas sem que a formação e a graduação de pessoas adequadas e de pesquisas possa contribuir. E aí tem o FIT, a Funcap, as universidades, as escolas profissionalizantes. Tem um celeiro de dinheiro para fazer curso de toda a natureza, porque para que a indústria do Ceará seja desenvolvida não basta ter bons projetos. Ela precisa se sustentar do ponto de vista da competitividade e da produtividade. Isso é tecnologia e inovação e temos que focar aqui e não se faz isso sem infraestrutura de toda natureza. O turismo, por exemplo. Não existe turismo sem política de segurança. As equipes de governo setoriais têm que ter esse objetivo finalístico, reanimar a economia do Ceará. Isso é uma prioridade.

RF — A indústria no Ceará tem uma participação de 20% no PIB do estado. Até onde podemos ir?

MJ — As nossas vocações são essas que falei anteriormente. Eu daria um outro foco forte em serviço. Serviço é

a principal vocação. O maior formador do PIB do Ceará hoje com 70% é o serviço. Agora não é o serviço só do varejo. O cearense não é só muito bom em comércio. Existem vocações hoje que você pode potencializar e que agregam riquezas. Por exemplo, Barcelona, Turin, Milão também estão se redesenhando. Detroit está mudando a vocação. Você sabia que no Ceará tem um projeto feito entre a universidade e o setor privado que criou um *delivery center*, que está empregando 300 garotos recém-saídos da universidade ganhando R\$ 7 mil por mês, da Soft Tech, que é o maior implementador no mundo do *software*? A Unifor entrou com os laboratórios e o prédio. Eu fui o intermediador disso. São vocações novas e isso é serviço. Aqui ficamos brigando, brigando por um estaleiro e o grande negócio não é o estaleiro. Tem outras grandes vocações, muito mais competitivas, que nós só podemos competir com forte subsídio público. A vocação do mundo mudou e o carro-chefe dessa economia é reunir três pilares: universidade, poder público e o poder privado para desenvolver polos. Pode ser polo de serviço na medicina, na saúde, pode ser um polo de mídia e tecnologia em outro bairro, pode ser um polo de TI como eu acabei de falar em outro bairro, ou no interior, porque

as vocações novas não dependem mais da chaminé. Acredito muito em serviços e dentro do serviço não poderia dar as costas nunca para o turismo, que é um carro-chefe muito forte do estado. Para isso, precisamos qualificar o estado em vários aspectos. Acredito no agronegócio desde que seja em altíssimo nível de pesquisa aplicada, de altíssimo valor agregado. Não temos água suficiente para produzir arroz, mas temos água suficiente para produzir melão, abacaxi, flores na Ibiapaba e outras coisas mais. Quem imaginava que o Ceará poderia produzir flores, palmitos, abacaxi? De novo entra o conhecimento porque a agricultura do agronegócio só prosperou no Brasil, sobretudo na área de grãos, pelo conhecimento. E a indústria hoje, para mim, significa claramente Pecém. Nós já avançamos muito porque implantamos quase todo o plano master de infraestrutura e temos aí uma iniciativa na área da indústria, não só a indústria da chaminé, mas a siderúrgica, por exemplo. O Ceará tem um belíssimo instrumento regulador que é a ZPE. Pecém tem áreas de retro porto imensas. Tem infraestrutura. Se melhorarmos a regulação de atratividade, a inovação e a tecnologia no Pecém, e tivermos um programa forte, nós podemos desenvolver uma forte indústria alfandegada além da

siderúrgica. Ou seja, empresas que vêm produzir para exportação. Então, a área do Pecém tem um foco muito forte na ZPE por causa da exportação. E a outra área a desenvolver na indústria, a FIEC fez um trabalho belíssimo que são as Rotas Estratégicas. Veja o que a gente pode produzir lá de bens e vender para o Brasil, para fora também. Transformar o Pecém num grande celeiro de riquezas não quer dizer com isso que você dê as costas para o Distrito Industrial de Maracanaú, para o Distrito Industrial de Pacajus, Horizonte, Eusébio. Agora, essa lógica de pulverizar, de pulverizar distritos, nenhum país rico do mundo fez. A pressão política começou a exercer: ah, eu também quero um distrito industrial... só que para você levar isso, você tem que levar infraestrutura, conhecimento. Aí se monta uma indústria fora de toda essa integração, lá no interior do Ceará. Prosperar nisso é muito difícil. Eu acho que a economia do Ceará, aonde ela potencialmente pode produzir no agronegócio e são poucas regiões, tem que ser muito bem explorada. Tem que ter boas políticas e bons projetos. Na área dos serviços, o Ceará praticamente tem o estado inteiro para poder dinamizar essa nova vocação que está no mundo. E eu acho que, na indústria, temos que aperfeiçoar esse processo dos distritos industriais e do foco que vamos captar. A primeira grande pergunta é o que nós queremos produzir e para quem? Não adianta vir para a ZPE quem não tenha competitividade com as empresas já existentes no mundo, eu vou fracassar. Meu trabalho aqui perante os secretários é mostrar um pouco isso e tentar ver o que é que arruma em dois anos, porque a discussão dessas novas vocações econômicas, esse modelo nosso está exaurido. A FIEC está com uma linha

de pensamento boa, está qualificando um trabalho interessante. Temos que rediscutir isso de forma mais profunda. O mundo inteiro está pensando nessas vocações e não podemos ficar indiferentes.

RF — O senhor não teme enfrentar resistências dentro do próprio governo ou fora dele por conta desses conceitos que o senhor expôs aqui?

MJ — Se eu tiver errado e me comprovem que os fundamentos que eu estou apresentando, eu estou errado... Se quisermos continuar com a economia em queda e sem grandes respostas. Se eu tiver errado, eu terei a humildade de reconhecer que a minha capacidade inovadora e meu pouco conhecimento não foram suficientes para ajudar esses secretários do estado a pensar diferente. Nós estamos no meio do governo e eu vim para cá, não só para que a máquina funcionasse melhor, mas que as políticas públicas melhorassem um pouco. Resistência tem sempre, o corporativismo é dominante inclusive no setor privado.

RF — O senhor também vai ter que lidar com a venda de ativos e cuidar da questão da previdência. Como o senhor está pensando em conduzir isso em dois anos?

MJ — A primeira coisa que temos que fazer é uma análise da qualidade do trabalho contratado. Particularmente tenho uma grande amizade com o presidente da McKinsey. Trouxe uma pessoa de mercado, ninguém faz isso sem gente pra estudar essas oportunidades e a estrutura para que as coisas aconteçam. Ai eu vou sincero, não cometerei a loucura de colocar uma concessão pública mal-estruturada na rua. ■



■ A GRENDENE DESENVOLVE O PROJETO JOVEM APRENDIZ DESDE 2012 NA SUA UNIDADE DE SOBRAL

Conheça as experiências vencedoras da 1ª edição do Prêmio Sesi SENAI de Educação

POR SARAH COELHO

Falar da importância da educação faz parte das conversas de muitos brasileiros. Apesar de parecer uma unanimidade nacional, o Brasil ainda figura nas piores posições de quase todos os *rankings* de educação no mundo. Valorizá-la ainda é uma atitude de poucos, mas que serão cada vez mais numerosos se depender do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Em 2016, as duas instituições do Sistema FIEC uniram-se na criação de uma premiação destinada às empresas que investem cotidianamente na educação de seus colaboradores: o Prêmio Sesi SENAI de Educação. Com o objetivo de valorizar esses investimentos, que têm feito a diferença na vida de muitas pessoas e contribuído para elevar a produtividade do setor industrial cearense, a primeira edição do prêmio contou com inscrições de 45 empresas, divididas em três regiões do estado do Ceará. As grandes vencedoras foram as empresas **Vicunha Têxtil** (Fortaleza e Região Metropolitana), **Grendene** (Sobral e Mesorregião Norte) e **JK Empreendimentos** (Juazeiro do Norte e Mesorregião Sul).

TECENDO SONHOS

Com 50 anos de história, a Vicunha Têxtil S/A conta com mais de 7 mil colaboradores em suas unidades em Maracanaú e em Pacajus. Apesar da grande quantidade de pessoas, é no olhar particular que a empresa faz a diferença na trajetória dos profissionais. Iara Tatiana tem 23 anos e trabalha há cinco na Vicunha. Apesar da pouca idade, a jovem tem um sonho bem definido em foco: ser a primeira supervisora mulher de tecelagem da empresa.

Em 2015, ela foi uma das 30 pessoas selecionadas para participar do curso técnico Têxtil e Vestuário, ofertado pela Vicunha em parceria com o SENAI e o IEL dentro da empresa – iniciativa vencedora do Prêmio Sesi SENAI de Educação. Os participantes frequentam as aulas no contraturno do horário de trabalho, o que facilita a rotina. Ofertado desde 2012, o curso tem o objetivo de preparar os colaboradores para gerir os processos produtivos inerentes à indústria têxtil como fiação, tecelagem malharia e beneficiamento, e oferecer a oportunidade de desenvolver novos produtos e procedimentos.

"Esse prêmio reafirma o papel da educação em ultrapassar fronteiras, pois reflete em todo ciclo de convivência do funcionário, que vai do âmbito familiar ao profissional."

Tereza Pereira Santos

Além da capacitação técnica, é feita também uma qualificação comportamental, com o desenvolvimento de competências de liderança, relacionamento interpessoal e comunicação. No primeiro ano de formação, Lara Tatiana foi pega de surpresa com a notícia de uma gravidez inesperada. "Eu fiquei muito abalada, achei que perderia o curso por conta disso, mas não foi o que aconteceu", relembra. Durante o período de licença-maternidade, a colaboradora passou a receber os professores em casa, para não perder o conteúdo visto em sala de aula. "Quando voltei, consegui acompanhar as aulas normalmente. Tenho certeza que essa qualificação vai me proporcionar a realização do meu grande sonho de ser supervisora", complementa.

Segundo Tereza Pereira Santos, gerente de RH da Vicunha Têxtil, foram formados 52 alunos na primeira turma do curso, que pertencem às Unidades de Maracanaú e Pacajus. Desse número, 30% já foi promovido por meio dos diversos processos de seleção interna existentes na Vicunha Têxtil. "O colaborador que recebe investimento em educação se torna referência e até mesmo um tutor na área, servindo de inspiração para os colegas, que poderão seguir o seu exemplo, qualificando-se também. No caso do Técnico Têxtil, há um impacto direto na qualidade dos produtos e serviços, porque o colaborador recebe um amplo aprendizado de todo o processo da produção têxtil e informações importantes que o ajudam a desenvolver análises mais críticas para contribuir na melhoria dos processos e desempenho das suas funções", explica.

A Vicunha oferta ainda o programa de elevação da escolaridade para os colaboradores que não concluíram a educação básica, além de cursos de idiomas e informática. Desde 2014, o benefício foi estendido aos familiares, que também podem frequentar as aulas dentro da empresa. "Para nós, a educação e o desenvolvimento profissional serão sempre as melhores vias, tanto para uma organização privada quanto para um país, alcançar maior competitividade e obter melhores resultados econômicos e sociais. Esse prêmio reafirma o papel da educação em ultrapassar fronteiras, pois reflete em todo ciclo de convivência do funcionário, que vai do âmbito familiar ao profissional", vibra Santos.

EDUCAR PARA MOTIVAR

A JK Empreendimentos é uma empresa de grande porte do ramo imobiliário que atua na construção de edifícios em Juazeiro do Norte/CE. Presente no mercado há mais de 3 anos, neste momento, possui um quadro de funcionários com 251 colaboradores com atuação distribuída em diversos setores da empresa. Diante dos avanços do negócio e do consequente aumento da equipe, os gestores da JK Empreendimentos perceberam a necessidade de investir em educação para capacitar e motivar seus colaboradores. Cerca de 150 funcionários têm escolaridade básica concluída e mais de 100 têm qualificação profissional ou técnica. Hoje, 30 alunos cursam a educação básica ofertada pelo SESI dentro da empresa, durante o horário de almoço.

“Quando a notícia do Prêmio foi passada aos colaboradores, teve um impacto positivo, e os mesmos sentiram-se ganhadores junto com a empresa, e estão certos! A empresa não ganhou sozinha, pois se eles não tivessem vontade de aprender, todo o investimento da empresa seria sem sentido. A motivação foi um dos fatores que mudaram no ambiente de trabalho, e cada vez mais percebemos o real compromisso do trabalhador com a empresa”, conta Priscila Naiana, representante de Recursos Humanos da JK Empreendimentos.

UMA APOSTA NA JUVENTUDE

A empresa Grendene, responsável pela fabricação de 150 milhões de pares de sapato por ano no Brasil, tem uma planta em Sobral/CE desde 1993. Segundo dados de junho de 2016, a unidade cearense conta com um quadro de 13.491 funcionários. Diversas iniciativas educacionais são desenvolvidas dentro da Grendene, desde escolaridade básica até aprendizagem industrial. “A educação é a alternativa para que as empresas e o país possam alcançar patamares mais elevados de competitividade, e é do contexto de fomento à inovação e à transformação cultural que o nosso país necessita”, afirma Ana Karine Sousa Cavalcante, porta-voz da empresa.

A iniciativa vencedora do Prêmio SESI SENAI de Educação foi o Programa Jovem Aprendiz, implantado na unidade fabril sobralense em 2012. Por meio dele, dezenas de jovens têm a oportunidade de viver uma experiência profissional na Grendene, inclusive com a possibilidade de serem efetivados. “É uma grande oportunidade para os jovens porque é uma porta que se abre para esse jovem entrar no mercado de trabalho, mas de uma maneira bem especial, de uma maneira bem assessorada, em que ele passa por etapas preestabelecidas, que vão conduzindo esse processo de desenvolvimento”, explica Ana Livia, coordenadora de desenvolvimento humano da Grendene.

Segundo o diretor industrial, Nelson Rossi, existe na empresa exemplos de pessoas que começaram como aprendizes e já ocupam cargos de gestão e supervisão. “As ferramentas de trabalho vão sendo incorporadas gradativamente e os participantes vão aprendendo e aplicando. O programa desenvolve e integra o jovem no

ambiente de trabalho”, explica. A empresa comemora o impacto da conquista do Prêmio SESI SENAI de Educação, que já rende frutos no ambiente de trabalho. Para Ana Karine Sousa Cavalcante, a premiação é um verdadeiro “combustível” para a fábrica de talentos continuar a todo vapor. “É muito gratificante percebermos que estamos no caminho certo, que estamos impactando positivamente a vida das pessoas e gerando para elas mais oportunidades”, disse. ■

Prêmio

Empresas vencedoras:

Fortaleza e Região Metropolitana

1º - Vicunha Têxtil

2º - Guararapes Confecções

3º - Ypioca

Sobral e Mesorregião Norte do Estado

1º - Grendene

2º - Nutrinor

3º - Nutrilite

Juazeiro do Norte e Mesorregião Sul do Estado

1º - JK Empreendimentos

2º - Constantini

3º - Farmace



Ricardo Amorim prevê crescimento da economia brasileira acima das expectativas

POR CAMILA GADELHA
FOTOS J. SOBRINHO

O ECONOMISTA RICARDO AMORIM PARTICIPOU DA REALIZAÇÃO DE MAIS UMA EDIÇÃO DO FÓRUM IDEIAS EM DEBATE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ (FIEC). EM TOM OTIMISTA, ELE DISSE QUE CRISES FAZEM PARTE DA ECONOMIA DE TODOS OS PAÍSES, E QUE ACABAM. "OS CICLOS MAIS CURTOS TÊM TRÊS ANOS E OS MAIS LONGOS, OITO ANOS. JÁ ESTAMOS NO SEXTO ANO EM QUE O DESEMPENHO DA ECONOMIA FICA ABAIXO DA EXPECTATIVA. JÁ ESTAMOS NA FASE DO CICLO NO QUAL AS SURPRESAS SERÃO PARA MELHOR. O CRESCIMENTO DA ECONOMIA SERÁ ACIMA DAS EXPECTATIVAS". EM BREVE, AFIRMOU O ECONOMISTA, VIRÁ A FASE DAS OPORTUNIDADES, E OS QUE SABEM DISSO ANTES DOS OUTROS É QUE PODERÃO APROVEITAR. SEGUNDO ELE, SE FOREM APROVADAS AS REFORMAS NECESSÁRIAS AO CRESCIMENTO DO PAÍS - REFORMA DA PREVIDÊNCIA, EM ESPECIAL - CERCA DE 30 A 35 MILHÕES DE PESSOAS ESTARÃO NA CLASSE MÉDIA NOS PRÓXIMOS 10 OU 15 ANOS, POIS O PAÍS VOLTARÁ A CRESCER DEVIDO AO AJUSTE DAS CONTAS. ANTES DA PALESTRA ELE CONVERSOU COM A JORNALISTA CAMILA GADELHA.

Revista da FIEC — Quais as perspectivas para a conjuntura econômica em 2017?

Ricardo Amorim — O primeiro recado, que não é novidade para ninguém, é que não será um ano fácil. O segundo é mais importante que o primeiro: acho que vai ser melhor do que as pessoas imaginam. Fiz um estudo acompanhando o desenvolvimento econômico em 180 países, desde 1.900 até agora, e descobri que todas as economias em todos os países do mundo se movem em ciclos positivos quando a economia surpreende para melhor do que as pessoas imaginam. Até que esse ciclo acaba e entramos em ciclo negativo onde acontece exatamente o contrário. A expectativa é uma, mas a gente não chega lá, e por conta disso a expectativa cai. Ainda assim a gente não chega, ela ainda cai mais, mas isso também acaba e o meu ponto é que, provavelmente, está muito perto do final do ciclo negativo do Brasil. Como eu sei disso? Pegando todos esses países, os ciclos mais longos, negativos e positivos também, que eu encontrei, têm

oito anos. O brasileiro nos últimos seis anos – em todos os anos, vamos pegar o que era expectativa de crescimento da economia no dia 31 de dezembro e o que aconteceu em todos os anos. Primeiro, cai a expectativa, ou seja, a expectativa que a gente tem esse ano seria menor do que no ano anterior, e vice-versa; e em segundo lugar, ainda assim o que acontece é pior do que a gente achava. Por que eu estou convicto que isso mudou? Primeiro, porque já tenho os sinais, as expectativas para esse ano estão longe de serem boas. Na média, estamos falando de um crescimento perto a meio por cento do PIB, mas é muito melhor do que foi ano passado e, outra coisa, em 2018, a expectativa já é melhor que 2017. Provavelmente, o que vai acontecer, é que nos dois casos o resultado vai ser melhor do que a expectativa atual, porque já entramos em um ciclo onde a inflação, um problema grande no passado, deixou de ser um problema. A inflação vem caindo, deve continuar a cair, deve ficar abaixo da meta nesse ano, e a consequência é que a taxa de juros vai cair muito. À medida

que a taxa de juros cai, o crédito fica mais barato e aumenta, e mais crédito significa mais investimentos em empresas e mais dinheiro para consumo. Nos dois casos, quando as empresas investem mais, elas contratam mais gente e por sua vez, à medida que as pessoas têm mais dinheiro no bolso para consumir, gastam mais. As empresas vendem mais e contratam mais. Quando contratam mais gente, essa segunda leva, que agora passa a ter emprego, passa a consumir também e faz com que a economia melhore de novo. É por isso que surpreende positivamente. O que eu vi é que os ciclos mais curtos de surpresas têm três anos e os mais longos chegam a oito. O que isso significa é que, salvo um choque externo negativo, está desenhado um quadro de recuperação econômica mais forte do que as pessoas estão imaginando. Pelo menos para os próximos três anos.

RF — O senhor falou dos riscos externos. Qual a sua análise em relação à gestão Donald Trump nos EUA? E a influência nessas expectativas as quais o senhor se referiu?

RA — Significativa, porque eu diria que tem três grandes riscos externos e o Trump talvez seja o maior deles. Ele é o maior porque ninguém sabe exatamente o que ele vai fazer. Para ser franco, eu tenho dúvida se ele sabe. Agora, as promessas de campanha dele sugerem algumas coisas. A primeira delas: prometeu que vai aumentar os gastos do governo com infraestrutura, ao mesmo tempo que vai reduzir os impostos das pessoas físicas e das empresas. Menos imposto e mais gasto significa déficit público maior. Significa que o governo vai precisar de mais dinheiro para se financiar. Em paralelo, ele prometeu que vai jogar duro com a China e com o México. Só que a China é o maior credor americano, quem mais financia o déficit público americano são os chineses.



"Então, só para falar de todos os riscos grandes que eu vejo aí. Nenhum deles, neste momento, está dando nenhum sinal de que esteja estourando."

O que seria de se imaginar, e já está acontecendo, é que os chineses vendo esse quadro estão começando a deixar de financiar o governo americano. Estão vendendo os títulos americanos. Na hora que isso acontece a taxa de juros dos Estados Unidos sobe, até porque tem um outro fator que leva a taxa subir, que é quando o Trump fala: "eu vou pegar o produto que era feito no México e na China e vou fazer nos Estados Unidos". Como os salários dos americanos são

mais altos, o custo de produção fica mais alto e a inflação sobe. Mais inflação, mais juros. Em outras palavras, é o contrário do quadro que eu desenhei para o Brasil. O que vamos ver é um quadro recessivo. Com menos crédito e em algum momento com menos crescimento. O ponto de interrogação é quanto tempo isso pode levar para acontecer. Como o primeiro impacto das medidas do Trump é colocar mais dinheiro na economia, é possível que dure algum tempo, talvez até alguns anos com bons resultados. Mas em algum momento vem uma crise feia nos Estados Unidos. Espero que demore e demorando dá tempo pelos menos para o Brasil colocar a casa em ordem antes disso. O segundo grande risco vem da Europa. Na Europa, teve a saída do Reino Unido da União Europeia. Tivemos a votação recente na Itália que pode abrir espaço para aquele país sair da zona do euro. Mas isso tudo pode ser o início do processo da União Europeia se desfazendo. Isso pode gerar um monte de outros problemas. E o terceiro problema pode vir da China. Eles têm uma bolha de crédito e uma bolha imobiliária enormes, muito maiores do que as que estouraram nos Estados Unidos em 2008. E quando isso vier a estourar vai dar um problema no mundo inteiro. Não há nesse momento nenhum sinal de que esteja estourando. Então, só para falar de todos os riscos grandes que eu vejo aí. Nenhum deles, neste momento, está dando nenhum sinal de que esteja estourando. Ou seja, se o quadro permanecer como está agora, por algum tempo, nada disso impede ou atrapalha a recuperação da economia brasileira.

RF — Voltando para o Brasil, no cenário político, se vier a acontecer a cassação da chapa Dilma/Temer, como fica em perspectiva a sua análise?

RA — Se isso acontecer, pode sim gerar mais algum tempo de desempenho econômico negativo significativo no Brasil. Porque o que mudou no Brasil que começou a gerar uma perspectiva econômica melhor? Fundamentalmente o Brasil tinha três grandes desequilíbrios macroeconômicos. O primeiro era a inflação, que como eu comentei, está para lá de resolvido. O segundo era de contas externas. O que aconteceu é que ao longo dos governos petistas houve muito estímulo ao consumo e praticamente nenhum estímulo à produção. O resultado disso é que ficou muito caro produzir no Brasil. As empresas começaram a trazer cada vez mais produtos de fora e isso gerou enorme déficit na nossa balança comercial. Se formos pegar produtos manufaturados, quando o ministro Guido Mantega tomou posse, isso há nove anos, o Brasil tinha um superávit comercial de produtos manufaturados de US\$ 10 bilhões. Quando ele deixou o governo, o Brasil tinha um déficit de US\$ 110 bilhões na balança de manufaturados. De lá para cá, aconteceram duas coisas: a primeira, o dólar subiu e muito. Ele vem caindo de um ano para cá, mas ainda está em níveis muito altos em relação ao que esteve.



"Ano passado o Brasil teve o maior superávit da balança comercial da história. Portanto, o problema de contas externas está resolvido."

Em segundo lugar, a recessão fez com que os salários do Brasil, que tinham subido muito, começassem a cair. Isso também barateou o custo de se produzir. Resultado: ano passado o Brasil teve o maior superávit da balança comercial da história. Portanto, o problema de contas externas está resolvido. Sobrou o último, que é o de contas públicas: o governo gasta muito mais do que arrecada. Como a gente resolve isso? Toda família sabe: você está gastando mais que ganha, a solução é aumentar o seu salário. Seria bom se fosse assim. Foi o que o Governo Dilma tentou resolver, falando o seguinte: "eu vou aumentar as minhas receitas. Eu aumento os impostos e aumento as minhas receitas". Em um primeiro momento funciona. O problema é que aumentando os recursos para o Governo, basicamente tirando dinheiro do bolso de empresários e de consumidores, ela causou dois problemas graves. O primeiro foi jogar a economia em uma tremenda recessão.

O segundo: as pessoas que perderam o emprego e as empresas que passaram a ter resultados piores passaram a pagar menos impostos. Ainda não inventaram imposto de renda sobre o salário que a gente não tem mais porque está desempregado. O resultado fundamentalmente é que o problema das contas públicas voltou. A solução das contas públicas requer necessariamente corte de gastos públicos. Bom, como se faz isso? Aí precisa aprovar duas reformas. A primeira já aprovaram que era a reforma do teto dos gastos. Falta passar a segunda, que é a reforma da previdência. O que me traz a questão política. Em um cenário onde eventualmente a chapa seja cassada cria-se uma incerteza. Esse processo de aprovação da segunda reforma para. E parando, para o último passo para retomada da confiança. E junto com a confiança, investimentos, créditos e crescimento do Brasil pode, temporariamente, ser abortado. Então isso

é um risco importante. Acredito que a economia brasileira melhorando, o risco de isso acontecer cai. Teoricamente, são coisas separadas. Isso é um julgamento jurídico. O que os últimos 115 anos de história brasileira mostram é que presidentes com popularidades grandes e crescentes não têm problemas jurídicos sejam quais forem. Presidentes com popularidade lá em baixo, todos caíram, sem exceção, nos últimos 115 anos. E o que determina a popularidade? Se a economia está melhorando ou não. Se tiver todo mundo perdendo emprego, a popularidade do Temer vai ficar lá em baixo e ele está sim vulnerável. Economia começando a virar, a gente reverte esse quadro. ■

A importação como questão estratégica

POR BÁRBARA HOLANDA
FOTOS GIOVANNI SANTOS





O noticiário revela, mês a mês, o desempenho do Brasil e do Ceará no comércio exterior mostrando que quando as exportações superam as importações há um superávit e o saldo da balança é positivo. Já quando ocorre o inverso e as importações se sobressaem, a balança torna-se deficitária e o saldo é negativo. Superávit, déficit, positivo e negativo são palavras que fazem parte do repertório das análises desse indicador econômico, mas que carregam um grande peso e, em geral, levam à crença de que exportar é bom e importar é ruim. Será que é mesmo assim?

A professora Mônica de Almeida Luz, Mestre em Comércio Exterior e Negócios Internacionais, que atua como executiva, empresária e consultora em diversos segmentos importadores do país há mais de 28 anos, é categórica na resposta. Não, não é bem assim. Segundo ela, as importações são a base da internacionalização do país. Primeiro, porque não somos autossuficientes em tudo. Segundo, por uma questão estratégica. É importando que as empresas se tornam mais eficientes e competitivas para o mercado internacional. Por meio da importação de matéria-prima e tecnologia, a indústria pode incrementar seus produtos, processos e inovar, elevando seu padrão de qualidade.

De acordo com Mônica Luz, por muito tempo o Brasil manteve-se distante das relações internacionais, voltando-se principalmente aos incentivos às exportações com o foco na balança comercial superavitária. Restringiu, dessa forma, os movimentos das importações no país. Porém, com a intensificação das relações comerciais entre países e a concretização de diversos acordos de integração, as empresas brasileiras passaram a sentir o impacto na gestão da cadeia de suprimentos e, assim, buscar alternativas de fornecedores no exterior com melhor qualidade, preço e mais avançado tecnologicamente.

“Nós, o Brasil, passamos muito tempo sem importar, sem investir na renovação do parque fabril. Isso nos deixou longe da tecnologia e de alguns insumos mais elaborados. Precisamos incentivar a desconstruir essa conotação de que importar é ruim. Não é porque temos a necessidade de uma balança superavitária – que claro que é importante para o país – que precisamos desestimular a importação. Não podemos caracterizar a importação como uma ação negativa porque na verdade não é”, defende.

Para o consultor da Confederação Nacional da Indústria (CNI), membro do Conselho de Relações Internacionais da FIEC (Corin) e mestre em Administração e Controladoria, Paulo Elias, a importação é um diferencial competitivo fundamental no concorrido ambiente empresarial em que estamos inseridos. Conforme Elias, ao importar de forma planejada, tem-se uma redução substancial dos custos para obtenção de matéria-prima.

O especialista relata que, atualmente, ainda existe um grande número de indústrias que compram suas matérias-primas de outras empresas importadoras localizadas no sul do país, com custos elevados de frete nacional, atravessadores, riscos e diferença de impostos. “Além da matéria-prima, o empresário conta ainda com a possibilidade de importar maquinário para renovação tecnológica da sua indústria, muitas vezes com obtenção de ex-tarifário, reduzindo substancialmente o custo de aquisição desses equipamentos”, ressalta.

O presidente da FIEC, Beto Studart, acredita que o Ceará, para desenvolver a sua indústria, precisa aprender a importar. “Temos que ir exatamente na contramão desse senso comum. Quando você está com a cabeça voltada a importar, você vai em busca das melhores tecnologias do mundo, vai para a Índia, para a China, para a Europa, Estados Unidos, onde há tecnologia para fazer melhores produtos. Além do mais, a importação é um instrumento fantástico de capital de giro das empresas”, analisa o presidente.



"Nós, o Brasil, passamos muito tempo sem importar, sem investir na renovação do parque fabril. Isso nos deixou longe da tecnologia e de alguns insumos mais elaborados."

Mônica de Almeida Luz



FOTO: DIVULGAÇÃO/COMPANHIA DOCS

"Consegui me tornar grande quando aprendi a importar. O meu exemplo como empresário da indústria química pode servir para os outros."

Beto Studart

E explica: "As empresas do Ceará que têm problema de capital de giro vão para o exterior, arranjam produtos na China, na Índia e usam os *brokers* da Alemanha para poder facilitar essa transação. Eu cito a Alemanha porque tem a maior seguradora de exportação do mundo, porque eles querem se caracterizar como o maior país exportador".

Em defesa da importância da importação, Beto Studart dá como exemplo a Agripec, sua penúltima empresa, que obteve grande destaque nacional pela prosperidade que obteve ao longo de sua história. "Consegui me tornar grande quando aprendi a importar. O meu exemplo como empresário da indústria química pode servir para os outros. Foi isso que resolveu meu problema e permitiu que a Agripec crescesse nacionalmente, que tivesse produto a tempo e a hora, que melhorasse suas matérias-primas. Isso porque importando podemos ter fornecedores do mundo todo, ter opções de prazos diferenciados. Foi a minha ida ao mundo que me deu condição de concorrer com as multinacionais aqui no Brasil. Essa preocupação exagerada que nós temos em exportar requer que aprendamos também a importar para termos competitividade".

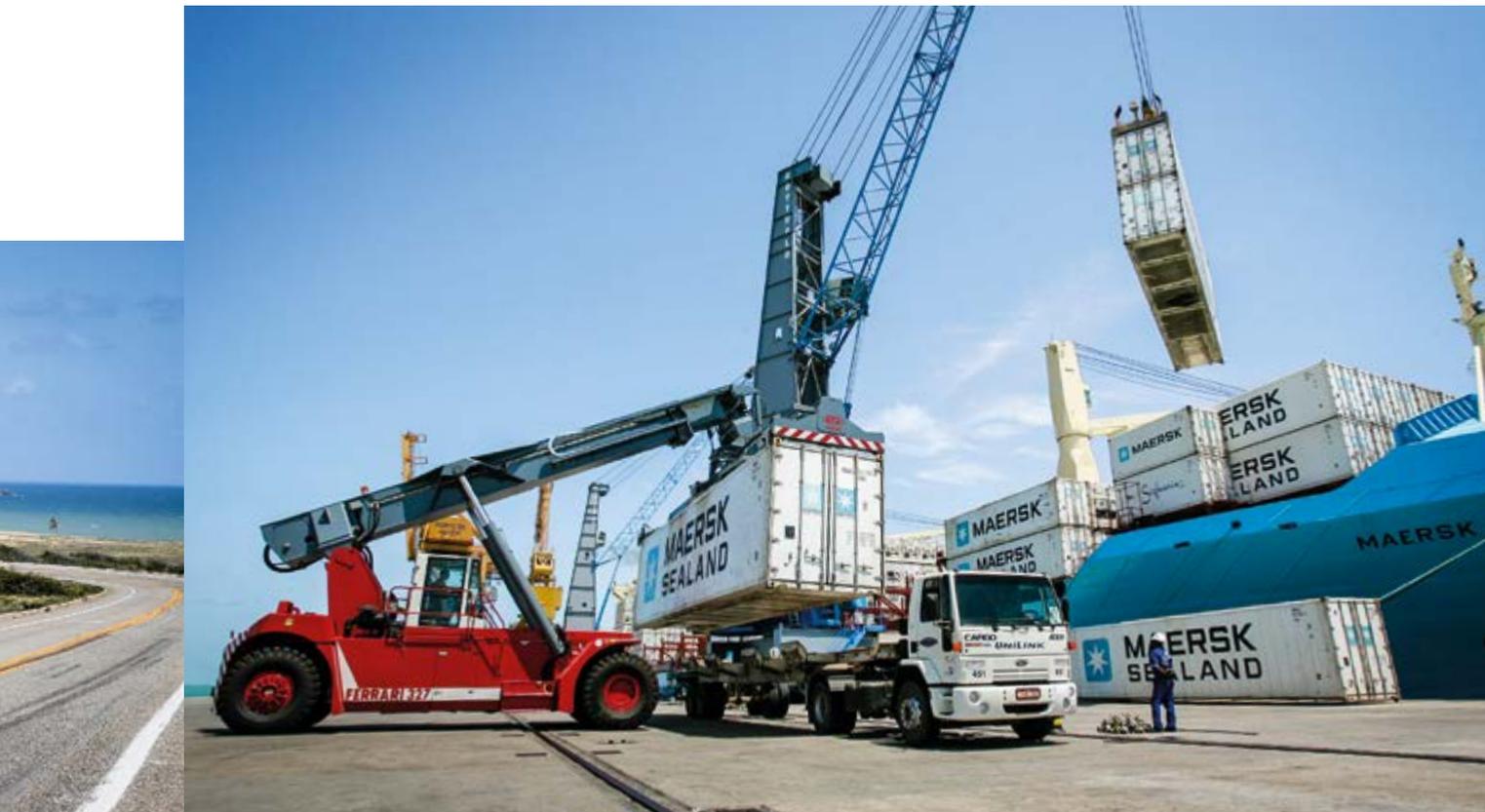
A professora Mônica Luz tem a mesma linha de pensamento do presidente e acrescenta que às empresas brasileiras cabe o desafio da implantação de um novo modelo de gestão que envolva as atividades de importação como uma "tão inquestionável quanto exigente estratégia de competitividade" para as exportações do país. É importar para exportar.



■ IMPORTAR MATÉRIA-PRIMA E MÁQUINAS PARA RENOVAÇÃO TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA AMPLIA VANTAGENS COMPETITIVAS

O economista Henrique Marinho, membro do Conselho Federal de Economia (Cofecon) e autor do livro "Teorias do Comércio Internacional e Política Comercial", concorda que o comércio exterior é caminho de duas vias e que, portanto, as exportações não devem ter privilégio em detrimento das importações. "Também as importações podem melhorar a economia de um país permitindo que ele adquira produtos e serviços de alta tecnologia e inovação", comenta.

Na opinião dele, a indústria deve incentivar a importação e motivar as empresas a importarem cada vez mais. "O comércio internacional exige muito profissionalismo, não é para aventureiros. O empresário não deve olhar só a burocracia e desistir de importar, principalmente quando se tratar de máquinas e equipamentos que possam melhorar a produtividade", ensina o economista.



FOTOS: GIOVANNI SANTOS / SISTEMA FIEC

SUPERANDO MITOS

Os especialistas alertam que é preciso haver uma quebra de paradigmas para que as importações passem a ser vistas com outros olhos e isso começa pela desconstrução de alguns mitos. O consultor Paulo Elias diz que, com frequência, ouve de empresários frases como “Para importar tenho que comprar pelo menos um container”, “Na importação o pagamento é 100% antecipado”, “Preciso viajar ao exterior para comprar bem” ou “Não existe segurança na importação”. Segundo ele, esses são alguns dos mitos mais comuns.

“Esses são pensamentos incorretos. Hoje em dia, é possível importar em pequenas quantidades e ainda assim ser competitivo. Outro ponto essencial é que a experiência na negociação e na apresentação da empresa às seguradoras internacionais pode criar condições para a geração de um prazo de pagamento. Além disso, muitas indústrias desconhecem que existem modalidades de financiamento para importações que disponibilizam, por exemplo, prazos de até 120 dias”, esclarece.

Outro argumento do consultor para desmistificar as dificuldades colocadas frente à importação é a existên-



“Importação deve ser um projeto bem planejado. Uma vez que se conhece os custos da produção e o volume de cada item consumido, pode-se comparar os custos e a qualidade do material a ser importado.” Paulo Elias



É PRECISO HAVER UMA QUEBRA DE PARADIGMAS PARA QUE AS IMPORTAÇÕES PASSEM A SER VISTAS COMO FUNDAMENTAIS PARA O DESENVOLVIMENTO

Desmistificando a importação

MITO

Importar é muito complicado.

Importação é somente para as grandes empresas.

É preciso viajar ao exterior para conhecer o fornecedor/exportador.

É muito arriscado.

É muito caro.

É burocrático.

Para importar é necessário investir muito dinheiro antecipadamente.

As importações tornam a balança comercial deficitária e prejudicam o país.

VERDADE

Importar não é simples, mas o caminho se torna possível e vantajoso com preparação e assessoria adequadas.

Pequenas e médias empresas podem e devem importar desde que façam um planejamento.

Agentes no país de origem da mercadoria podem verificar a qualidade do produto.

Importação envolve riscos que podem ser mensurados.

Ao importar, a empresa pode obter considerável redução nos custos com insumos e elevar a qualidade do produto final.

Importação exige conhecimentos em relação aos tratamentos administrativos e fiscais.

Vários bancos oferecem linhas de financiamento específicas para importadores com taxas fixas e prazos de pagamentos em até 10 anos.

As importações aumentam a competitividade e fortalecem a indústria, motor do desenvolvimento do país.

cia de escritórios (traders) especializados em localizar fornecedores internacionais para os produtos ou tecnologia que a empresa deseja importar. “Com aprovação da amostra, acompanha-se a produção com a mesma qualidade solicitada”, salienta. Também é importante saber que existem soluções que garantem a qualidade do produto importado, o recebimento da mercadoria em perfeitas condições, a entrega de toda a documentação necessária para a nacionalização dos produtos, entre outros mecanismos que garantem segurança jurídica, cambial e operacional às importações.

Um aspecto que também merece ser considerado é que, segundo Paulo Elias, não existe o momento ideal para a empresa dar início à atividade importadora. Para ele, o dólar não deve ser o único elemento a ser levado em conta quando se decide importar. “Importação deve ser um projeto bem planejado. Uma vez que se conhece os custos da produção e o volume de cada item consumido, pode-se comparar os custos e a qualidade do material a ser importado. Mas, o mais importante é que as etapas do estudo são realizadas simultaneamente à produção. Não há ruptura, ou prejuízos quando se realiza esse estudo de viabilidade operacional, logística e tributária enquanto se mantém a produção com insumos nacionais”, assegura.

Ao final do planejamento, completa o especialista, são analisados os resultados e a possibilidade de substituição de fornecedor nacional pelo estrangeiro, ou até mesmo se a indústria decidirá seguir comprando dos dois mercados. “Pela minha experiência de 15 anos atuando localizando fornecedores e importando insumos para diversas indústrias, posso afirmar que ao final dessa análise, geralmente as indústrias optam pelo custo e qualidade dos insumos importados”, constata.

PREPARADA PARA CORRER RISCOS

Apesar de ser defensora da importação como estratégia competitiva, Mônica Luz faz um alerta. A empresa precisa estar preparada para ingressar nessa atividade. Segundo ela, a importação envolve um risco maior que a exportação. Os riscos referem-se às mudanças na legislação, no câmbio, entre outros aspectos. Mas, são riscos que podem ser contornados.

“As importações são necessárias não só porque não somos autossuficientes em tudo. Elas são necessárias como estratégia, para melhorar nossos produtos, para as empresas ganharem tanto em preço como em qualidade. Porém, é necessário conhecimento e planejamento prévios. Se a empresa estiver preparada e tiver conhecimento dos tratamentos administrativos, fiscais e do processo em si, é possível minimizar qualquer tipo de risco”, explica.

A professora lembra que, diferente da atividade exportadora, a importação impõe alguns pré-requisitos. Alguns produtos necessitam autorização dos órgãos competentes e a empresa precisa ainda comprovar sua capacidade financeira. “Isso não impede, porém, que pequenas e médias empresas importem. Uma solução é a criação de um pool de empresas que tenham a mesma necessidade de matéria-prima, insumo, tecnologia ou máquina no exterior e que façam juntas essa importação. É possível, nesses casos, a importação através de uma comercial importadora utilizando as modalidades de conta e ordem e/ou encomenda”, orienta.

O consultor Paulo Elias também levanta a bandeira das importações para as pequenas e médias empresas. Segundo ele, não há quantidade nem valor mínimos para que a empresa dê início às importações. Contudo, há que se respeitar a legislação, observando-se aspectos como *antidumping*, restrições a alguns materiais, rotulagem adequada, dentre outros que podem ser identificados a partir de um estudo de viabilidade.



Exemplos de sucesso

Os exemplos de indústrias cearenses que prosperam a partir das importações são vários. O superintendente do Centro Internacional de Negócios da FIEC, Eduardo Bezerra, cita os grupos J Macedo e M Dias Branco, que se consolidaram pela importação de trigo para o desenvolvimento da indústria de massas alimentícias. A partir do crescimento oriundo da atividade importadora, as companhias diversificaram suas atividades industriais e ganharam novos mercados. Outro exemplo é o grupo Edson Queiroz, que importou Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) no início de suas atividades empresariais.

Atualmente, as principais empresas localizadas no Ceará que mais importam, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), são a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), Petrobras, Nufarm, Silat, Energia Pecém, M Dias Branco, Vestas do Brasil, Grande Moinho Cearense e Vale Pecém. A CSP aparece inclusive no ranking nacional como uma das que mais importaram entre todas as empresas do Brasil em 2016.

A CSP, por meio da sua assessoria de imprensa, informou que a eficiência de uma usina siderúrgica está vinculada principalmente a três fatores, quais sejam, a tecnologia adotada, a qualidade e confiabilidade dos equipamentos e o modelo de gestão implementado nos seus processos. Os principais equipamentos e máquinas utilizados no processo siderúrgico hoje são fabricados no exterior, onde estão instalados os grandes fabricantes que detêm a tecnologia, motivo pelo qual a competitividade da CSP está também relacionada à importação.

De acordo com a empresa, foram investidos cerca de US\$ 2,5 bilhões em importações de máquinas e equipamentos. Esse investimento possibilitou que a CSP aportasse diferenciais tecnológicos em relação à siderurgia no Brasil, agregando valor ao parque fabril do Ceará. A CSP trouxe duas famílias de tecnologias: 1) uma de controle processo, no qual há modelos atualizados de produção siderúrgica, e 2) uma de tecnologia operacional, que é dado pelo conjunto de reatores e sensores de operação siderúrgica.

Essas tecnologias fazem uma combinação de valor tecnológico que não há similar na América Latina, permitindo que a CSP faça graus de aço de alta complexidade e de valor agregado. Além disso, há a capacitação tecnológica absorvida por técnicos e engenheiros da CSP, que vão permitir longevidade dessa maior competitividade que as demais siderúrgicas brasileiras não têm.



■ A IMPORTAÇÃO
EXIGE ALGUNS
PRÉ-REQUISITOS
E PREPARAÇÃO DA
EMPRESA

CRITÉRIOS PARA ENTRAR NO COMÉRCIO EXTERIOR

Não se trata de porte, mas de preparo, planejamento e profissionalismo. Nisso todos concordam. São esses os principais critérios para qualquer empresa atuar no comércio exterior. Chegar ao patamar exigido pela competição global exige tempo, dedicação e muito conhecimento por parte das empresas. Apoiá-las nesse processo é o objetivo do Centro Internacional de Negócios da FIEC.

"Há oportunidades para empresas de todos os tamanhos. No caso de pequenos negócios, como o próprio empreendedor ocupa vários papéis, ele às vezes não tem condições de avaliar as características do mercado internacional para ponderar os ganhos. Existe desconhecimento em relação às oportunidades. Esse é o nosso trabalho", explica a gerente do Centro Internacional de Negócios da FIEC, Karina Frota.

As opções de atendimento da entidade vão das básicas, como as capacitações que trazem as primeiras noções de procedimentos e exigências para importar e exportar, até consultorias de alta complexidade, a exemplo do apoio ao investidor. Para o primeiro semestre de 2017, estão programadas diversas capacitações com foco na importação.

Em fevereiro, de 13 a 16 é realizado o curso "Importação: Competitividade e Eficiência", com a apresentação de todas as informações sobre as rotinas administrativas do processo de importação. Nos meses seguintes, as temáticas dos cursos serão "Procedimentos aduaneiros de importação", de 20 a 23 de março; "Captação de recursos subsidiados do BNB e BNDES para projetos inovadores no comércio exterior", de 24 a 28 de abril; "Tributação nas operações de comércio exterior", de 15 a 18 de maio; e "Drawback Integrado", de 19 a 22 de junho. ■

Junta Comercial agiliza processos para abertura e fechamento de empresas

POR CAMILA GADELHA
E AMÉLIA GOMES
FOTOS J. SOBRINHO

Um dos principais entraves para o empreendedorismo no Brasil é a burocracia. Pesquisa da Endeavor, denominada “Burocracia nos negócios: os desafios de um empreendedor no Brasil”, divulgada em 2016, aponta que a média para abertura de empresas no país é de 129 dias. Países como México (6,3 dias), Chile (5,5 dias) e Índia (28,4 dias) aparentam ter procedimentos mais céleres para abertura de empresas de acordo com levantamento feito pelo Doing Business 2015.

A Câmara de Comércio Americana lançou estudo que avaliou o ambiente regulatório de 10 cidades no país. A maioria das cidades apresentou um tempo entre 5 a 8 dias para abertura de empresas, e a cidade em que o processo é mais demorado, Chicago, registra 32 dias. A burocracia e a tributação excessiva são os maiores empecilhos que o empreendedor encontra no meio da jornada, opina o assessor especial da diretoria da Federação das Indústrias do Estado do Ceará e articulador das Redes Colaborativas de Empreendedorismo, PP&I e Sustentabilidade, Mário Gurjão. “O tempo no Brasil é praticamente inadmissível, tanto para abertura de empresas quanto para encerramento”.

Nesse sentido, o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico no Estado do Ceará (Simec), Sampaio Filho, concorda que a agilidade na abertura é importante, mas que é necessário que haja o mesmo empenho em acelerar os processos de fechamento. “Sentimos essa realidade no sindicato. Muitas vezes, quando vamos visitar uma empresa, ela ainda está ativa na Junta, na Receita, mas já sumiu há muito tempo. Não existe mais”, enfatiza.

De acordo com Gurjão, isso desencoraja muita gente. “Tanto inibe nascimento de novos negócios quanto gera pendência para quem empreendeu e não obteve sucesso. Os processos precisam ser mais simplificados no Ceará e no Brasil inteiro”. Simplificar é palavra de ordem nos trabalhos desenvolvidos pela Junta Comercial do Estado do Ceará (Jucec), órgão responsável pelo registro público de empresas mercantis e atividades afins no estado. Pensando na desburocratização, está em fase de implantação a Rede Nacional para a Simplificação do Registro e Legalização de Empresas e Negócios (RedeSimples), que integra os órgãos envolvidos na abertura, alteração, baixa e legalização de empresas.



■ PRESIDENTE DA JUCEC, CAROLINA MONTEIRO, ESTEVE NA FIEC EXPLICANDO O PROJETO A EMPRESÁRIOS

“Todos os processos envolvidos estarão reunidos no portal da Junta Comercial, tornando esse um canal único”, enfatiza a presidente da Jucec, Carolina Monteiro. Com órgãos e municípios integrados à RedeSimples, o processo de abertura de uma empresa levará apenas cinco dias. O procedimento para abertura de empresas é formado por cinco etapas e envolve consulta prévia de viabilidade, coleta de informações na internet, registro e inscrição da empresa e licenciamento das atividades, finalizando com possíveis alterações que possam ser feitas.

Além da Junta Comercial, atuam nesse trabalho os seguintes órgãos: Receita Federal, Secretaria Estadual da Fazenda (Sefaz), Secretaria Municipal de Finanças (Sefin), Secretaria do Meio Ambiente (Sema), Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (Seuma), Secretaria da Saúde do Estado do Ceará (Sesa), Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza (SMS) e Corpo de Bombeiros. No momento, dois são os órgãos já integrados à RedeSimples: Seuma e Receita Federal.

A secretária de Urbanismo e Meio Ambiente, Águeda Muniz, em reunião com presidentes de sindicatos filiados à FIEC, realizada no dia 16/1, na Casa da Indústria, disse que alguns dos serviços da Seuma estão disponíveis no Programa Fortaleza Online, lançados pelo prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, em meados de janeiro, na FIEC. Estão disponíveis de forma online a Licença Ambiental Simplificada para Construção Civil Online e Alvará de Construção Regular. “Nosso objetivo é tornar os processos mais rápidos e ágeis, baseados na premissa da confiança no cidadão fortalezense”, explica a secretária.

O presidente do Sindicato das Empresas de Reciclagem e Resíduos Sólidos Domésticos e Industriais no Estado do Ceará (Sindiverde), Marcus Albuquerque, lembra que a licença simplificada foi um pleito do sindicato. “Há um certo tempo estamos pleiteando que o poder público agilize esses processos. A auto declaração para licença vai facilitar muito para a indústria. É um procedimento moderno que muitos países já utilizam”, ressalta.



SECRETÁRIA DE URBANISMO E MEIO AMBIENTE, ÁGUEDA MUNIZ FALA SOBRE O FORTALEZA ONLINE

Também é parte da RedeSimples da Jucec a inclusão dos municípios do estado. No momento, 21 fazem parte do programa e, segundo a presidente Carolina Monteiro, a expectativa, é que até o final de 2017, esse número possa chegar a 84. Ela destacou ser fundamental o apoio do poder público, principalmente, por saber que a burocracia finda por engessar muitos processos.

Para tanto, além da implantação da RedeSimples, está sendo trabalhada a inserção da Junta Digital, ferramenta que possibilitará a tramitação do processo pela Internet. Os documentos serão assinados digitalmente pelo requerente e autenticados pela Jucec por meio de certificação digital. “O Junta Digital surgiu a partir da necessidade de adequar os processos internos da Jucec aos processos tecnológicos, de modo que o empreendedor não precise se deslocar até a sede da Junta Comercial para iniciar o processo de abertura ou legalização de sua empresa, economizando prioritariamente tempo e dinheiro”, destaca Carolina.

Entre as ações promovidas pela Jucec para implantação dos programas em sua totalidade está o diálogo. Em novembro do ano passado, os programas foram apresentados à FIEC, com a presença do presidente Beto Studart, que destacou a representatividade do processo de simplificação por retratar um novo momento para o empreendedorismo no Ceará. O momento contou com a presença de presidentes de sindicatos filiados à federação.

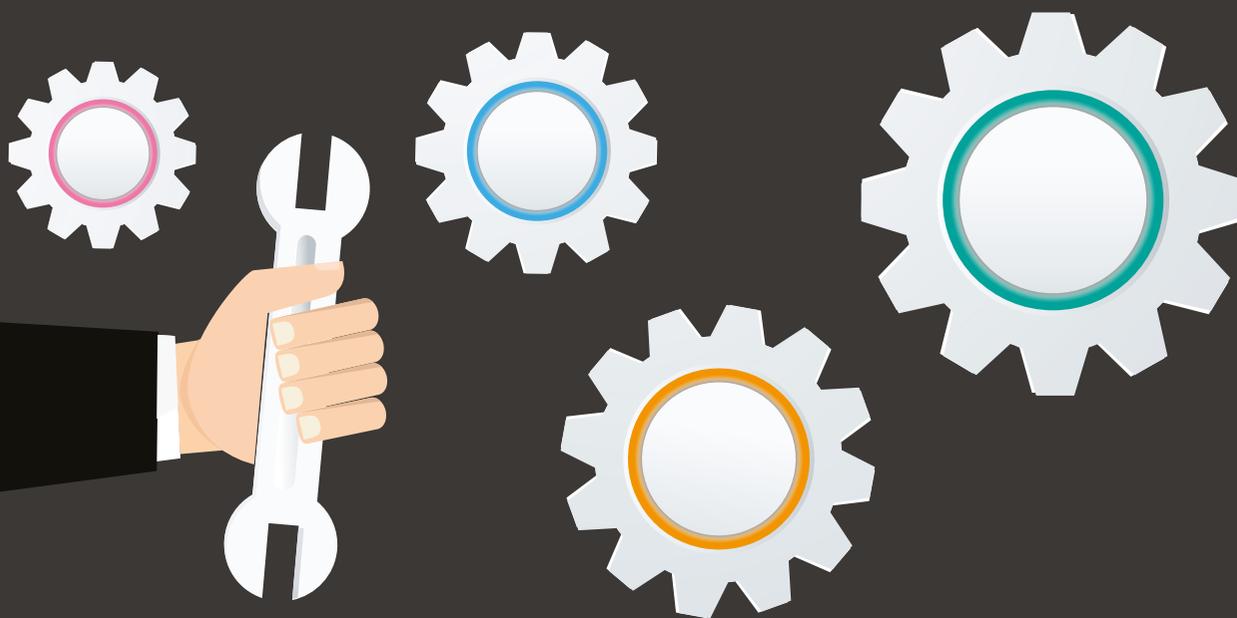
Para o presidente do Sindicato das Indústrias do Mobiliário no Estado do Ceará (Sindmóveis), Osterno Júnior, este é um trabalho fantástico que tem sido desenvolvido com celeridade e inteligência. “É um trabalho de preparação para atender as empresas de nosso estado, principalmente, as de Fortaleza e Região Metropolitana. Nós esperamos que os demais órgãos façam sua parte, abrindo a possibilidade de agilizar novos negócios”, destacou.

MELHORIA NO NÚMERO DE ABERTURAS DE EMPRESAS EM 2016

Em 2016, 56.243 novas empresas foram abertas, o que representa o dobro do número de empreendimentos fechados no mesmo período, no Ceará, conforme os dados da Jucec. Carolina atribui o número, dentre outros fatores, ao desemprego, mas também a maior facilidade nas ferramentas que incentivam a formalização, que dá suporte aos que desejam abrir um empreendimento. Ela citou que os programas trabalhados pela Jucec dão maior segurança ao empreendedor que quer abrir ou legalizar sua empresa, assim como para o estado que passa a arrecadar melhor, impactando diretamente em sua economia. ■



O CIC trabalha a construção de um debate político que leve a soluções para o desenvolvimento da indústria e do Estado do Ceará.



Venha fazer parte do CIC

Para conhecer nossos benefícios, entre em contato por cic@sfiec.org.br

Av. Barão de Studart, 1980 - 4º andar - Aldeota - Fortaleza - CE



www.cic.com.br



85 3421-5412

Espaço dos Conselhos Temáticos

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE OS CONSELHOS TEMÁTICOS PODEM SER OBTIDAS NO ENDEREÇO [HTTP://WWW1.SFIEC.ORG.BR/SITES/CONSELHOS-TEMATICOS](http://WWW1.SFIEC.ORG.BR/SITES/CONSELHOS-TEMATICOS)



DESSALINIZAÇÃO A VÁCUO

Representantes do Conselho Temático de Infraestrutura da FIEC, presidido por Heitor Studart, participaram no auditório do Dnocs, da palestra "Dessalinização a vácuo solar offshore Gram-Eollic", proferida por Fernando Ximenes. A dessalinização a vácuo solar *offshore* trata-se de projeto da vUFC, por meio do Departamento de Integração Acadêmico Tecnológico (Diatec), idealizado em parceria com Fernando Ximenes, presidente da Gram-Eollic. O esboço consiste numa planta de dessalinização *offshore* (no mar) que utiliza energia solar. A previsão inicial é produzir 450 milhões de litros/dia podendo chegar a 1 bilhão de litros/dia. O tamanho da usina seria de 300 campos de futebol, com investimento de R\$ 2 milhões e retorno em aproximadamente cinco anos.

CORES ARTICULA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO "BANCOS SOCIAIS" NO CEARÁ

Uma comitiva do Conselho de Responsabilidade Social da FIEC (Cores) visitou o projeto "Bancos Sociais", da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, com o objetivo de verificar experiências que possam ser replicadas no Ceará. A FIERGS possui 10 bancos instalados, que atuam como gerenciadores de arrecadação e distribuição de doações de excedentes de indústrias de variados segmentos. Cada banco busca identificar a demanda da população carente e entrelaçá-la com o setor empresarial que produz o desperdício ou o excedente industrial correspondente àquela demanda.

Caso o projeto seja replicado no Ceará, a expectativa é que a construção civil seja

a primeira área contemplada. O presidente do Sinduscon, André Montenegro, e a vice-presidente, Paula Frota, estavam na comitiva cearense para conhecer os detalhes do processo de implantação. "Se o projeto for implantado, precisaremos montar uma infraestrutura mínima de espaço e recursos humanos para gerir o banco. Sendo otimista, acredito que conseguiríamos iniciar o trabalho propriamente dito no segundo semestre do ano", contou o gerente do SENAI Cetis, professor Tarcísio Bastos. "O lema do projeto é transformar desperdício em benefício social. Estou muito confiante que nós possamos fazer o mesmo aqui, pois precisamos responder às demandas de urgência da nossa sociedade", afirmou Wânia Dummar, presidente do CORES.



COED REÚNE-SE NO ENGENHOCA

O Conselho Temático de Educação da FIEC (Coed) promoveu sua última reunião de 2016 no Engenho Parque (Rua Raimundo Coelho, 200 – Centro – Aquiraz/CE). O COED é presidido por Ednilton Soárez.

COTEMA CONHECE MODELO SOCIOAMBIENTAL DO RIOMAR

O Conselho Temático de Meio Ambiente (Cotema) realizou no final do ano passado uma visita ao Riomar Fortaleza para conhecer o modelo de prática sustentável adotado pelo shopping. A partir desse modelo, o Grupo JCPM se compromete a conduzir seus negócios por meio de uma cultura organizacional fundamentada no desenvolvimento sustentável, convergentes com as seguintes premissas:

1. **Inter-relacionar** o compromisso socioambiental com a missão e valores da empresa.
2. **Congregar** os aspectos ambientais às etapas do planejamento, projeto, construção e operação de seus empreendimentos.
3. **Aperfeiçoar** processos e incorporar novas tecnologias que visem reduzir ou minimizar os impactos ambientais e sociais.
4. **Racionalizar** o uso dos recursos naturais, combatendo as perdas (desperdícios) em seus processos.
5. **Fomentar** a inserção social nos aspectos ambientais.
6. **Promover** a participação de todos os funcionários em treinamentos e ações de educação ambiental.
7. **Dialogar** com fornecedores visando a troca de informações e busca de soluções participativas. ■

CONSELHOS TEMÁTICOS SÃO ÓRGÃOS CONSULTIVOS E DE APOIAMENTO À PRESIDÊNCIA E DIRETORIA DA FIEC, CONSTITUÍDOS POR REPRESENTANTES DE SINDICATOS, DIRETORIA DA FIEC, EMPRESÁRIOS E ENTIDADES PARCEIRAS.

SINDICATOS FILIADOS À FIEC

SINDICAJU - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO AÇÚCAR E DE DOCES E CONSERVAS ALIMENTÍCIAS DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Francisco Assis Neto
Endereço: Avenida Barão de Studart, 2360 - Sala 404 - Torre Quixadá - 60120-002
Fortaleza - Ceará
Telefones: (85) 3246.7062 - Fax: 3246.0497
E-mail: sindicaju@sindicaju.org.br

SINDBEBIDAS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE ÁGUAS, CERVEJAS E BEBIDAS EM GERAL NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Cláudio Sidrim Targino
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3268.1027 / 3421.5400
Ramal: 1005

SINDROUPAS - SINDICATO DA INDÚSTRIA DE ALFIAIARIA E DE CONFEÇÃO DE ROUPAS DE HOMEM DE FORTALEZA

Presidente: Fernando Sampaio Trajano
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5474 - Fax: 3264.0738
E-mail: sindroupas@sfipec.org.br

SINDMINERAIS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA EXTRAÇÃO DE MINERAIS NÃO METÁLICOS E DE DIAMANTES E PEDRAS PRECIOSAS, DE AREIAS, BARREIRAS E CALCÁRIOS NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Marcelo Vieira Quinderé
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3421.5462 / 3261.6589
E-mail: sindminerais@sfipec.org.br

SINDCERÂMICA - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CAL E GESSO, OLARIA, LADRILHOS HIDRÁULICOS E PRODUTOS DE CIMENTO E CERÂMICA PARA CONSTRUÇÃO, DA CERÂMICA, DE LOUÇAS DE PÓ DE PEDRA, DA PORCELANA, DA LOUÇA DE BARRO, DE VIDROS E CRISTAIS OCOS NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Marcelo Guimarães Tavares
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3261.6589 / 3421.5462
E-mail: sindceramica-ce@sfipec.org.br

SINDSERRARIAS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE SERRARIAS, CARPINTARIAS, TANOARIAS, MADEIRAS COMPENSADAS E LAMINADAS DE FORTALEZA

Presidente: José Agostinho Carneiro de Alcântara
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5468
E-mail: sindserrarias@sfipec.org.br

SINDREDES - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE REDES NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Aluisio da Silva Ramalho
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3466.5462
E-mail: sindredes@sfipec.org.br

SINDIÓLEO - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE EXTRAÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS E ANIMAIS NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Sérgio Brito de Castro Figueira
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1016
E-mail: sindoleos@sfipec.org.br

SINDCALF - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE FORTALEZA

Presidente: Jaime Bellicanta
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3261.2050 / 3421.5463
E-mail: sindcalf@sfipec.org.br

SINDCONFEÇÕES - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CONFEÇÃO DE ROUPAS E CHAPÉUS DE SENHORA NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Marcus Venicius Rocha Silva
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3421.5457 / 3261.1995
E-mail: sindconf@sfipec.org.br

SINDUSCON/CE - SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO CEARÁ

Presidente: André Montenegro de Holanda
Endereço: Rua Tomaz Acioly, 840 - 8º andar - Aldeota - Fortaleza - Ce - CEP: 60135-180
Telefone: (85) 3456.4050
E-mail: sinduscon@sinduscon.com.br

SINDCOUROS - SINDICATO DA INDÚSTRIA DE CURTIMENTO DE COURO E PELES DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Marcia Oliveira Pinheiro
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3421.1017 / 3264.3541 / 3307.4177
E-mail: sindcouros@sfipec.org.br

SINDIALGODÃO - SINDICATO DA INDÚSTRIA DA EXTRAÇÃO DE FIBRAS VEGETAIS E DO DESCAROCAMENTO DO ALGODÃO NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Ailton Carneiro
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3421.1016 / 3224.6790
E-mail: sindalgodao@sfipec.org.br

SINDBRITA - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE EXTRAÇÃO E BENEFICIAMENTO DE ROCHAS PARA BRITAGEM NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Abdias Veras Neto
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5462
E-mail: sindbrita-ce@sfipec.org.br

SINDSAL - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA EXTRAÇÃO DO SAL NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: José Agostinho C. de Alcântara
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5468

SINDITÊXTIL - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM EM GERAL NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Kelly Whitehurst
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5456
E-mail: sinditextil@sinditextilce.org.br

SINDFRIO - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE FRIO E PESCA NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Elisa Maria Gradvolh Bezerra
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1009

SINDGRÁFICA - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Raul Eduardo Fontenelle Filho
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5478
E-mail: sindgrafica@sindgrafica.org.br

SINDLACTICÍNIO - SINDICATO DA INDÚSTRIA DE LACTICÍNIOS E PRODUTOS DERIVADOS NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Henrique Girão Prata
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3261.6182
E-mail: sindlactincinios@sfipec.org.br

SINDCAFÉ - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Jocely Dantas de Andrade Filho
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1015

SINDMASSAS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE MASSAS ALIMENTÍCIAS E BISCOITO NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Daniel Mota Gutiérrez
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1015
E-mail: sindmassas@sfipec.org.br

SINDIEMBALAGENS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE PAPEL, PAPELÃO, CELULOSE E EMBALAGENS EM GERAL NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Roberto Romero Ramos
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1012
E-mail: sindiembalagens@sfipec.org.br

SINDIALIMENTOS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO E RAÇÕES BALANCEADAS DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: André de Freitas Siqueira
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1015
E-mail: sindialimentos@sfipec.org.br

SIMAGRAN - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE MÁRMORES E GRANITOS DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Carlos Rubens Araújo Alencar
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (88) 3421.1001
E-mail: simagran@sfipec.org.br

SINDMÓVEIS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Geraldo Bastos Osterno Júnior
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1008
E-mail: sindmouveis@sfipec.org.br

SIMEC - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICA E DE MATERIAL ELÉTRICO NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: José Sampaio de Souza Filho
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: 3421.5455
E-mail: simcec@simec.org.br

SINDPAN - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Ângelo Márcio Nunes de Oliveira
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.5477
E-mail: sindpan@sfipec.org.br

SINDQUÍMICA - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS FARMACÊUTICAS E DA DESTILAÇÃO E REFINAÇÃO DE PETRÓLEO NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Marcos Antônio Ferreira Soares
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1019
E-mail: quimica@sfipec.org.br

SINDCARNAÚBA - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS REFINADORAS DE CERA DE CARNAÚBA NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Edgar Gadelha Pereira Filho
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1004
E-mail: sindcarnauba@sfipec.org.br

SINDPNEUS - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE RECAUCHUTAGEM E DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS E REFORMA DE PNEUS E SIMILARES NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Carlos Alberto Veríssimo de Oliveira
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone: (85) 3421.1017

SINDTRIGO - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO TRIGO NOS ESTADOS DO PARÁ, PARAÍBA, CEARÁ E RIO GRANDE DO NORTE

Presidente: Roberto Prouença de Macêdo
Endereço: Rua Benedito Macedo, 775º andar - Cais do Porto - Fortaleza - CE - CEP: 60180-415.
Telefone: (85) 3263.1430
E-mail: sindtrigo@sfipec.org.br

SIFAVEC - SINDICATO DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS ESPECIAIS DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Vanildo Lima Marcelo
Endereço: Rua Estevão de Campos, 1200 - Barra do Ceará - CEP: 60331-240 - Fortaleza - CE.
Telefone: (85) 3237.0730

SINDVERDE - SINDICATO DAS EMPRESAS DE RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS NO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Marcos Augusto N. de Albuquerque
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3421.1020
E-mail: sindverde@sfipec.org.br

SINDCALC - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE CRATO

Presidente: Anna Gabriela Holanda De Moraes
Endereço: Rua Bárbara de Alencar, 789 - Sala 03 - Centro - CEP: 63100-000 - Crato - CE
Telefone: (88) 3523.2900 - Fax: (88) 3523.2610

SINDCAL - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS, BOLSAS, CINTOS, LUVAS E MATERIAL DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO DE SOBRAL

Presidente: Gilceu Luiz Ribeiro
Endereço: Av. Pimentel Gomes, 214 - Alto da Expectativa - CEP: 62040-050 - Sobral - CE.
Telefones: (88) 3613.1001 / 3613.1089
E-mail: sincalsob@gmail.com

SINDINDÚSTRIA - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS E VESTUÁRIOS DE JUAZEIRO DO NORTE E REGIÃO

Presidente: Antônio Barbosa Mendonça
Endereço: Avenida Leão Sampaio, 839 - Km 01 - Triângulo - Juazeiro do Norte - CE
CEP: 63040-000
Telefone/Fax: (88) 3571.2003 / (88) 3571.2010
E-mail: diretoria@sindindustria.com.br

SINDIMEST - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS E EMPRESAS DE INSTALAÇÃO, OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE REDES, EQUIPAMENTOS E SISTEMAS DE TELECOMUNICAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Pedro Alfredo Silva Neto
E-mail: pedro.alfredo@ajpconsult.com.br
Telefone: (85) 262.4908

SINDSORVETES - SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE SORVETES DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Miriam Silva Pereira
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefone/Fax: (85) 4141.3733 / 3421.5495

SINDPREL - SINDICATO DAS EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS DO SETOR ELÉTRICO DO ESTADO DO CEARÁ

Presidente: Elias Sousa do Carmo
Endereço: Ed. Casa da Indústria / FIEC
Telefones: (85) 3261.9182 / 3261.3711
E-mail: sindenergia@sfipec.org.br

SINCOPECE - SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO PESADA DO CEARÁ

Presidente: Dinalvo Diniz
Endereço: Rua Tomas Acioly, 840 - 3º andar, sala 304 - Aldeota - Fortaleza - CE - CEP: 60135-180
Telefone: (85) 3246.7797
E-mail: contato@sincopcece.com.br



Leitor, leitor, não reclame da vida! Leitor, leitor, não se maldiga!

Sabe quem você é, leitor amigo, e também você, leitora amiga?

Um rei! Uma rainha!

Veja tudo o que você tem, veja tudo em volta de si. Tem água encanada, roupa lavada, talher, prato, palito, fósforo, fogão à gás, rádio, televisão... nem vamos aqui lembrar tudo o que você tem. Veja bem, os reis e as rainhas daqueles tempos, mesmo o tal do Luiz XV, ou mesmo o Luiz XVI, até mesmo o grande Alarico, ou ia fazer no mato ou fazia no pinico. Princesas e rainhas também, não tinham nada do que hoje você tem, um sanitário com descarga, o mais fino papel, banho de bica e de cheiro, água quente e fria só girando a torneira.

Nem tinham AM ou FM. Não ouviam, num piscar de olhos, apenas girando um botão de qualquer radinho de pilha, músicas e canções de todo o mundo que chegam até você, para seu bel prazer.

Era só Chopin e Beethoven, Beethoven e Chopin.

Napoleão, Alexandre, Gengis Kham, queriam ter o mundo, que a televisão traz num segundo até você. Sim, você leitor, o verdadeiro conquistador.

O califa de Bagdá, que andava de camelo e de cavalo, com todo porte de atleta, não tinha uma bicicleta.

Ciro e Nabucodonosor, Ramsés e Xerxes, nunca possuíram sequer um fusquinha para darem umas voltinhas e tirar um sarro com suas rainhas.

Cleópatra, a esplendorosa rainha, escovava os dentes com folhas, pois não tinha pasta e seus filhos, príncipes do Nilo, não conheciam Colgate. Ela própria tomava banho com leite de cabra ou de jumenta, pois não havia shampoo e nem sabonete de menta e a variedade do que se tem hoje em dia.

Rainhas belíssimas, importantíssimas, mas que ficavam irritadíssimas naqueles dias por falta de absorventes.

lavavam e estendiam suas roupas. E hoje você, bem vestida leitora, faz isso com uma simples lavadora prática e automática ou levando a uma lavanderia.

Coitados, eram só reis e rainhas. Que nada tinham, um simples rádio de pilha não possuíam. Carlos Magno, nem alicate, já que seu apelido era Martelo. Nem uma TV pequena preto e branco possuía Franco, o rei dos francos. Ar condicionado ou calefação interna nem todos os Eduardos que reinaram na Inglaterra. Vitória, Elizabeth, faziam xixi no urinol e a grande Catarina fazia numa latrina quando o inverno era russo e não podia ir pros matos, como faziam as princesas todas daquele tempo.

E você aí, reclamando de tudo, dos preços altos... Mas nem precisa dar um salto e já está no supermercado, na sua verdadeira majestade, reinando com um cartão, com cheque pra 60 dias, com iguarias que rei nenhum daquele tempo provaria.

Rei é você, leitor!

Homem de hoje, desse tempo, capaz de visitar o mundo com um pouco de dinheiro, que um rei daquele tempo por maior que fosse seu tesouro, tal coisa não podia, por não ser o mundo ainda todo conhecido.

Rei e rainha, vocês.

Que nobreza, essa nossa!

Seja rico ou seja pobre, temos coisas ricas e nobres em nossas mãos.

Tempo maravilhoso, tempo do automático, dos botões, dos controles remotos, do rádio, do computador, do cinema, da televisão.

Somos reis e rainhas e não sabemos. Por isso maldizemos os tempos atuais. Portanto, caro amigo, não reclame dos preços altos. Esse mundo é mesmo caro e muitos pagaram caro pra ele chegar até aqui onde chegou.

Deixe de lado as reclamações, a avareza, a picuinha. Lembre-se que você é rei, não se esqueça que você é rainha, da mais nobre nobreza. Com o circo e o pão a que tem direito e com seu cartão de crédito, nesse grande e

**PRATIQUE ESSA
IDEIA NA SUA
EMPRESA.**



SESI

COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

O SESI organiza os torneios esportivos da sua indústria da forma que você precisar. As competições podem ser realizadas nas unidades do SESI ou nas dependências da sua empresa.

Dê início a esta partida. Escolha entre as modalidades esportivas ofertadas pelo SESI ou customize uma de preferência dos seus colaboradores. O resultado é garantido: colaboradores mais integrados, motivados e mais saudáveis.

SESI Ceará. Qualidade de vida transforma.

 (85) 4009.6300

 www.sesi-ce.org.br

 /sesiceara

 /sesi_ceara



PESQUISA desenvolvimento & INOVAÇÃO

SOLUÇÕES TRANSFORMADORAS
PARA SUA INDÚSTRIA.

O Centro de Excelência em Tecnologia e Inovação CETIS do SENAI oferece diversos serviços de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação – PD&I.

Tudo para sua indústria ser cada vez mais produtiva, inovadora e competitiva.

Senai Ceará. Inovação transforma.

**CONHEÇA OS PRINCIPAIS
SERVIÇOS:**

- ◆ Desenvolvimento de Produtos
- ◆ Desenvolvimento de Máquinas e Equipamentos
- ◆ Desenvolvimento de Novos Materiais



(85) 4009.6300 www.senai-ce.org.br

[/senaiceara](https://www.facebook.com/senaiceara) [/senaiceara](https://www.instagram.com/senaiceara)

